



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS –
DCH
CAMPUS IV - JACOBINA

ANAIDE JORDÃO SAMPAIO DOS SANTOS
JAQUELINE NUNES ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA
JUVENIL BAIANA *VOCÊ NÃO É INVISÍVEL*, DE LÁZARO RAMOS**

Jacobina-BA

2025

ANAIDE JORDÃO SAMPAIO DOS SANTOS

JAQUELINE NUNES ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA
JUVENIL BAIANA *VOCÊ NÃO É INVISÍVEL*, DE LÁZARO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Ciências Humanas, *Campus IV*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como pré-requisito para obtenção do título de Licenciadas em Letras/ Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Dias de Carvalho Sousa.

Jacobina-BA

2025

ANAIDE JORDÃO SAMPAIO DOS SANTOS
JAQUELINE NUNES ANDRADE

**A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA
JUVENIL BAIANA *VOCÊ NÃO É INVISÍVEL*, DE LÁZARO RAMOS**

Aprovada em: 10 / 01 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Denise Dias de Carvalho Sousa (UNEB)
Doutora em Letras (PUCRS)
Orientadora

Éttore Pablo Vilaronga Rios (FCG)
Mestre em Educação e Diversidade (PPGED)
(Membro Externo)

Rúbia Maria de Sousa Lapa Cunha (UNEB)
Doutora em Educação e Contemporaneidade (FACED/UFBA)
(Membro Interno)



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Monografia Artigo Dissertação Tese

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, a disponibilizar por meio do Repositório Institucional Saber Aberto, endereço eletrônico: <http://saberaberto.uneb.br/>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra supracitada, para fins de divulgação e de preservação digital da produção científica brasileira, a partir desta data.

Identificação:

Autor	ANAIDE JORDÃO SAMPAIO DOS SANTOS E JAQUELINE NUMES ANDRADE
E:mail	NAYSAMPHAIOO@GMAIL.COM JAQUELINENUNES008@GMAIL.COM
Título	A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA JUVENIL BAIANA <i>VOCÊ NÃO É INVISÍVEL</i> , DE LÁZARO RAMOS
Orientador (a)	PROFa DRa. DENISE DIAS DE CARVALHO
Campus/Curso/ Programa	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV, LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA
Data de defesa	10/01/2025

LICENÇA DE DIREITO AUTORAL

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo a Universidade do Estado da Bahia a disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença pública Creative Commons, Licença 4.0 Unported por mim declarada sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial da obra? Sim Não

Permitir modificações em sua obra?

Sim

Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença

Não

A obra continua protegida por direito autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Jaqueline Nunes Andrade

Anaide f. Sampaio dos Santos

Assinatura do Autor

Data de autorização. 10 / 04 /2026

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para que esse objetivo fosse alcançado. Primeiramente, a Deus, por nos dar força, perseverança e sabedoria ao longo deste percurso, além de nunca permitir que desistíssemos diante de todos os desafios. Mas acreditamos que cada fase é uma experiência que deve ser vivida, pois como diz a letra da canção da banda Vocal livre: *Mas eu sei, não é o fim, é só o começo da jornada. Eu abro o meu coração pra minha nova história.*

Agradecemos à nossa família, pelo apoio incondicional que, de forma direta ou indireta, contribuiu nos incentivando a não desistir, nos apoiando e mostrando os melhores caminhos para serem percorridos.

Aos nossos amigos e colegas de curso, pelas inúmeras parcerias e conhecimentos compartilhados. Especialmente, à Vilma Matos, cada desafio enfrentado e cada conquista celebrada juntas deixaram a nossa jornada mais leve e significativa. Muitíssimo obrigada!

Agradecemos também à nossa orientadora, Denise Dias de Carvalho Sousa, pelos ensinamentos e incentivo no processo da escrita e jornada acadêmica. Suas contribuições foram essenciais para a construção deste trabalho.

Manifestamos a nossa eterna gratidão a todos os professores que marcaram nossa trajetória, desde a educação infantil até a graduação, pela paciência e ensinamentos inestimáveis.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste TCC, o nosso mais sincero obrigado. Este é apenas o começo de uma nova história.

Com gratidão, Anaide Sampaio e Jaqueline Nunes.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral compreender a representação da identidade negra na obra literária *Você não é invisível*, de Lázaro Ramos. Para tanto, pretende-se analisar os conceitos e as especificidades da literatura voltada para o público juvenil; discutir como a literatura juvenil influencia na construção e na representação da identidade negra, e refletir se há protagonismo negro na obra *Você não é invisível*, com base nos elementos narrativos. Dessa forma, a metodologia é de cunho qualitativo, com base na análise do universo ficcional criado por Lázaro Ramos. Nesse sentido, apresentamos para a sustentação teórica os seguintes autores: Stuart Hall (2016) para abordar sobre identidade, Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2007) e Normeide Cruz (2009) para tratar sobre literatura infantil e juvenil e Kabengele Munanga (2012) para discorrer sobre identidade negra. Os resultados apontam um papel de destaque para jovens negros na obra *Você não é invisível*, fortalecendo a afirmação da identidade negra, importante para desenvolver, positivamente, as representações sociais de imagens desse povo. Entretanto, de maneira geral, ainda há uma insipiência de personagens negros como protagonistas nas obras juvenis baianas, ocasionando sua invisibilidade na representação da identidade negra de leitores/as adolescentes negros.

Palavras-chave: Identidade negra; literatura juvenil baiana; protagonismo; *Você não é invisível*; Lázaro Ramos.

ABSTRACT

This Final Paper aims to understand the representation of black identity in the literary work *You Aren't Invisible* by Lázaro Ramos. To this end, it seeks to analyze the concepts and specificities of literature aimed at young audiences; discuss how youth literature influences the construction and representation of black identity; and reflect on whether there is black protagonism in *You Aren't Invisible*, based on the narrative elements. The methodology is qualitative, based on the analysis of the fictional universe created by Lázaro Ramos. For theoretical support, the following authors are referenced: Stuart Hall (2016) to discuss identity; Regina Zilberman and Marisa Lajolo (2007) and Normeide Cruz (2009) to address children's and youth literature; and Kabengele Munanga (2012) to discuss black identity. The results highlight the prominent role of black youth in *You Aren't Invisible*, strengthening the affirmation of black identity, which is important for positively developing social representations of this group's images. However, in general, there is still a lack of black

characters as protagonists in Bahian youth literature, leading to their invisibility in the representation of black identity for young black readers.

Keywords: Black identity; Bahian youth literature; protagonism; You Aren't Invisible; Lázaro Ramos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1 PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA JUVENIL	10
1.1 A NARRATIVA LITERÁRIA JUVENIL: CONCEITOS E ESPECIFICIDADES.....	13
2 IDENTIDADE NEGRA: ASPECTOS PESSOAIS, CULTURAIS E SOCIAIS	16
2.1 A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA JUVENIL.....	20
2.2 O AVANÇO DA LITERATURA JUVENIL NEGRA NO MERCADO EDITORIAL.....	24
2.2.1 O QUE DIZ A LEI 10.639/2003.....	29
2.3 O LUGAR DA LITERATURA NEGRA JUVENIL BAIANA: OBRAS E AUTORES.....	30
3 VIDA E PRODUÇÃO LITERÁRIA DE LÁZARO RAMOS.....	36
3.1 PROTAGONISMO NEGRO EM <i>VOCÊ NÃO É INVISÍVEL</i> , DE LÁZARO RAMOS.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

Na história do Brasil, o negro sempre foi visto à margem da civilização. Desde a abolição da escravatura, em 1888, quando os escravizados conseguiram sua tão esperada “Liberdade” proposta pela lei Áurea, ficou evidente a ausência de medidas ou reconhecimento em prol de inclusão desse povo na sociedade. No instante da abolição, o primeiro comportamento foi comemorar, no entanto a realidade foi bem dura, pois os escravizados foram obrigados a sair dos locais em que trabalhavam, sem nenhuma oportunidade ou políticas que garantissem reconhecimento para sua integração naquele meio. Além disso, a lei Áurea não proporcionou meios para que esses escravizados tivessem uma condição digna ou uma educação que pudesse melhorar sua situação naquele momento. Sendo assim, proporcionou desigualdades para superar aquela condição. De acordo com Kabengele Munanga,

[...] a nova categoria de cidadãos: o ex-escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalização e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho ainda não mudou? Toda a preocupação da elite apoiada nas teorias racistas da época diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira (Munanga, 1999, p 51).

Nesse sentido, é compreensível que os negros tiveram dificuldades para se adaptar com a nova identidade por serem moldados por fatores internos e externos. À vista disso, a temática *Identidade* tem se tornado uma questão de bastante discussão, fazendo-se essencial para a nossa existência. A cada dia, é abordada a importância de compreendermos quem somos, qual a nossa história e quais as dificuldades que nossos antepassados enfrentaram para estarmos aqui. É nesse sentido que Stuart Hall vem abordar que:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Dessa forma, a identidade não é construída apenas na infância, mas em toda jornada do indivíduo, pois, no decorrer de sua vida, este se depara com diversas experiências, tanto pessoais quanto coletivas, que podem influenciar na formação ou reconstrução da identidade desse sujeito. Nesse sentido, como destaca Hall (2006), a identidade não é segura e, embora o sujeito ainda tenha seu “eu” dentro de si, este “eu” é modificado com os mundos culturais “exteriores”, os convívios e as identidades que esses mundos oferecem.

Nessa perspectiva, a literatura, tratando-se de um meio de expressão artística e de manifestação cultural, pode possibilitar uma série de experiências, além do sentimento de prazer¹, pois estimula a imaginação e ainda aproxima o/a leitor/a de outras culturas, vivências e histórias, levando-o, muitas vezes, a se identificar com as narrativas ou com os personagens. Por isso, o contato de jovens negros com a literatura juvenil negra é de suma importância para que estes possam refletir sobre o seu “eu” no mundo e conhecer ou se reconhecer em representações literárias. Como destaca Rildo Cosson (2016, p.17), “Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.”

Segundo Stuart Hall (2016, p.31), “[...] Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas”. Assim, como destacam Viviane Fernandes e Maria Cecília Souza (2016), as interações étnico-raciais são moldadas ao longo da história através da criação de imagens e construções sociais. Ainda, de acordo com a linha de pensamento das autoras, determinadas representações ganham mais relevância que outras e acabam sendo interpretadas como um reflexo do coletivo. Nesse sentido, essas representações que ganham destaque acabam formando um padrão de normas estéticas e culturais na sociedade.

Dessa forma, algumas representações, ou a ausência, dos negros nas obras literárias influenciam negativamente para a formação de estereótipos e desvalorização da Identidade negra, que quando aparecem em obras são com personagens coadjuvantes em papéis como empregada ou babá, e a literatura tem um papel pertinente nesse aspecto, pois, ao mesmo tempo que ela pode impulsionar essas visões negativas sobre o negro, também entra como um ponto crucial para a valorização deste.

A representação da identidade nas histórias através da literatura juvenil baiana despertou em nós tamanha curiosidade quando percebemos que nas histórias infantis e juvenis ou mesmo nos desenhos animados que fizeram parte da nossa infância eram poucos personagens negros que assumiam o papel de protagonismo. Então, surgiu um grande questionamento: por que quase não há obras com personagens negros que sejam protagonistas? Desse modo, após entrarmos para o curso de Letras Vernáculas, *Campus IV*, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), fomos desfrutando de algumas disciplinas que envolviam literatura infanto-juvenil e literatura baiana.

¹ O termo *prazer*, segundo Roland Barthes (1987. p. 20), é “[...] aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”.

Além disso, percebemos a necessidade de abordar esse tema, pois há poucas obras literárias juvenis com atuações negras no contexto baiano. Nesse sentido, visto que somos baianas e vemos poucas discussões a respeito dessa literatura e da contribuição dela para a representação de identidade negra, surgiu a seguinte questão norteadora desta pesquisa: Como é a representação da identidade negra na literatura juvenil baiana, em especial na obra *Você não é invisível*, de Lázaro Ramos?

Por esse viés, este estudo tem como objetivo geral:

Compreender como é a representação da identidade negra na literatura juvenil baiana, em especial na obra *Você não é invisível*, de Lázaro Ramos.

E como objetivos específicos:

- Analisar os conceitos e especificidades da literatura voltada para o público juvenil;
- Discutir como a literatura juvenil influencia na construção e na representação da identidade negra;
- Refletir se há protagonismo negro na obra *Você não é invisível*, de Lázaro Ramos, com base nos elementos narrativos.

Para tanto, esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p.70), na pesquisa qualitativa, considera-se “[...] que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Nessa perspectiva, analisamos literariamente, e de maneira interpretativa, a obra *Você não é invisível* de Lázaro Ramos, com ênfase na representação da identidade negra. Para Durão (2020, p.30), “Interpretar significa acrescentar algo à literariedade de um objeto, de forma que, ao final, aquilo que foi adicionado pareça pertencer à própria coisa. Tanto mais forte será a interpretação quanto mais o elemento proposto pelo pesquisador aderir ao texto em questão.” Nesse viés, ao interpretar o texto, o pesquisador de obra literária acrescenta novas ideias que podem enriquecer a compreensão da obra.

Nesse sentido, realizamos uma pesquisa sobre os conceitos da identidade negra, a importância da literatura neste processo e aspectos históricos sobre a literatura juvenil. Em seguida, efetivamos a leitura e o estudo da obra *Você não é invisível*, observando os elementos que compõem a obra, como: enredo, personagens, elementos culturais, linguagem e contexto histórico.

Assim posto, este trabalho apresenta três subdivisões. No primeiro capítulo, apresentamos um panorama histórico da literatura juvenil destinada a jovens e adolescentes, bem como o conceito e especificidades dessa literatura. Para debater sobre tais assuntos,

utilizamos os seguintes autores: Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007), Normeide Cruz (2009), Francine Puchalski (2017), Denise Sousa (2023), entre outros.

O segundo capítulo, intitulado *Identidade negra: aspectos pessoais, culturais e sociais*, ressalta sobre a identidade negra na linha de pensamento de Kabengele Munanga. Sendo assim, esse capítulo foi dividido em três subcapítulos. No primeiro, evidenciamos a representação da identidade negra na literatura juvenil. Para debater tais assuntos, utilizamos os autores Neusa Santos (1983) e Luíz Cuti (2010). O segundo subcapítulo destaca o avanço da literatura juvenil negra no mercado editorial e como subtópico a Lei 10.639 de 09 janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares. E, por fim, exploramos duas obras para conhecer melhor as produções literárias de autores baianos com o protagonismo negro, especificamente publicadas pela editora Caramurê, uma editora soteropolitana.

No último capítulo, apresentamos, inicialmente, a biografia de Lázaro Ramos, na tentativa de conhecer sua vida e trabalhos e para compreender melhor as ideias presentes na obra *Você não é invisível*. Em seguida, realizamos a análise literária da obra supracitada, buscando estudar o lugar de fala do autor na perspectiva do protagonismo negro, com base em elementos narrativos da obra, ou seja, analisando como a narrativa colabora na luta e na resistência da identidade negra.

Portanto, compreender a representação da identidade negra na literatura juvenil de Lázaro Ramos contribui, de certo modo, para o conhecimento sobre a literatura negra contemporânea² voltada para o público jovem e de autores baianos, como também reconhece que essa literatura pode ser um recurso primordial para influenciar na ruptura da imagem estereotipada dos negros nas histórias literárias e colaborar para a construção histórica, cultural e social desses sujeitos.

² De acordo com Giorgio Agamben (2009, p. 59) a contemporaneidade é uma relação com o próprio tempo, ou seja, “[...]aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela”.

1 PERCURSO HISTÓRICO DA LITERATURA JUVENIL

Este capítulo tem como objetivo abordar o percurso histórico da literatura juvenil, sendo esta literatura ainda um assunto bem recente. Muitos teóricos se referem ao termo como *literatura infanto-juvenil*, conciliando como uma só. A literatura infantil contribuiu para a construção das narrativas humanas, contadas e transmitidas por meio de ideias ou acontecimentos da época.

Dessa forma, foi na década de 1970 que ocorreu o momento importante para o reconhecimento e necessidade da literatura juvenil aparecer. O desenvolvimento de estudos e temáticas voltadas especificamente para esse novo público leitor proporcionou a motivação para novos autores a escreverem para esse grupo específico.

À vista disso, é perceptível que a literatura juvenil está atrelada historicamente à literatura infantil, que surge no século XVIII com o lançamento da obra *Contos da Mamãe Gansa*, do escritor francês Charles Perrault (1628-1703). Dessa obra, faziam parte contos como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar*, *Cinderela* e *O Gato de Botas*, que eram histórias sempre acompanhadas de uma moral (Sousa, 2023). Vale ressaltar que Regina Zilberman e Marisa Lajolo destacam que:

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso inicial determina, retroativamente, a incorporação dos textos de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literalizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal literatura infantil (Lajolo; Zilberman, 2007, p.15).

Um dos aspectos que contribuiu para o surgimento de livros infantis foi a industrialização. Segundo Lajolo e Zilberman (2007, p. 15), essa circunstância foi qualificada e revolucionária e classificou o século XVIII, pois “incidiu em atividades inovadoras dentro dos diferentes setores do quadro econômico, social, político e ideológico da época”. As autoras supracitadas destacam que com o aparecimento de sistemas produtivos mais sofisticados, com a inovação tecnológica e ideias recém-desenvolvidas, a produção artesanal cresceu rapidamente. Ademais, devido às grandes produções industriais, houve muitos migrantes das pessoas da zona rural para as cidades, que buscavam oportunidades e melhorias de vida (Lajolo; Zilberman, 2007). Dessa forma, pode-se afirmar que:

A literatura infantil traz marcas inequívocas desse período. Embora as primeiras obras tenham surgido na aristocrática sociedade do classicismo francês, sua difusão aconteceu na Inglaterra, país que, de potência comercial e marítima, salta para a industrialização, porque tem acesso às matérias-primas necessárias (carvão, existente nas ilhas britânicas, e algodão, importado das colônias americanas), conta com um mercado consumidor em expansão na Europa e no Novo Mundo e dispõe da marinha mais respeitada da época (Lajolo; Zilberman, 2007, p.17).

Ademais, em relação à escola neste período, Lajolo e Zilberman (2007) destacam que até o século XVIII não havia uma obrigatoriedade escolar, mas, aos poucos, esse cenário foi se modificando e a escolarização tornou-se uma atividade obrigatória para crianças, como também

a regularidade nas aulas (Lajolo, Zilberman, 2007). Nessa perspectiva, com essas transformações que ocorriam no campo educacional e no desenvolvimento da industrialização, a literatura infantil é colocada em dois parâmetros: “como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo que se impõe aos poucos; e, de outro, como caudatária da ação da escola, a quem cabe promover e estimular como condição de viabilizar sua própria circulação” (Lajolo; Zilberman, 2007, p.17). Conforme Zilberman e Lajolo:

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. No século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros, facultando a proliferação dos gêneros literários que, com ela, se adequa à situação recente. Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola (Lajolo; Zilberman, 2007, p.17).

No Brasil, essa literatura voltada para crianças e jovens surge somente no fim do século XIX. De acordo com Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986), nos últimos anos do século XIX, a circulação de livros destinada a esse grupo era limitada, inconsistente e composta, sobretudo, por publicações provenientes de Portugal, contudo de forma progressiva essas obras começaram a tomar espaço com os esforços iniciais de adaptações de obras europeias para a linguagem brasileira, como as traduções do educador, escritor e jornalista Carlos Jansen.

Neste período, o Brasil também passava por grandes transformações sociais, uma delas foi o fim da Monarquia e o início do Período Republicano, como salientam Lajolo e Zilberman (2007, p.22): “Era a República que chegava, trazendo consigo e legitimando a imagem que o Brasil ambicionava agora: a de um país em franca modernização”. Além disso, nessa mesma época, ainda quando iniciava uma indústria brasileira, com o maior interesse em países já industrializados e principalmente com desenvolvimento do mercado interno, houve um grande crescimento da população brasileira nas cidades. De acordo com Zilberman e Lajolo:

Decorrente dessa acelerada urbanização que se deu entre o fim do século XIX e o começo do XX, o momento se torna propício para o aparecimento da literatura infantil. Gestam-se aí as massas urbanas que, além de consumirem produtos industrializados, vão constituindo os diferentes públicos, para os quais se destinam diversos tipos de publicações feitos por aqui: as sofisticadas revistas femininas, os romances ligeiros, o material escolar, os livros para crianças (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 23).

Assim como o processo histórico da literatura infantil e juvenil europeia, a literatura para crianças e jovens no Brasil também teve uma estreita relação com a escola e a pedagogia. Segundo Estela Bertoletti (2012), esse vínculo é perceptível em diferentes aspectos, seja por ser desenvolvida e discutida, especialmente, por educadores brasileiros, por ser criada para atender as exigências do ambiente escolar e educativo, com o objetivo de promover um aprendizado

eficaz e prazerosa para a criança e, por fim, por se envolver no processo educacional voltado para o desenvolvimento da leitura.

Além do caráter pedagógico em que eram atribuídas as produções literárias para crianças e jovens, boa parte do primeiro acervo dessa literatura brasileira tomava como referência as obras europeias, os livros eram adaptados para a língua portuguesa e aos poucos foram sendo abasileirados. Segundo Zilberman e Lajolo (1986), as adaptações dessas obras já refletiam um processo de nacionalização que, posteriormente, evoluiu para o sentimento de nacionalismo. Este compromisso patriótico da literatura infantil e juvenil é manifestada de várias formas: “através da exaltação da natureza brasileira; [...] pelos textos que, [...], proclamam, [...], a unidade e grandezas nacionais; da exaltação de vultos e episódios da história do Brasil (v. “A pobre cega”) ou do culto e exaltação da língua nacional” (Zilberman; Lajolo, 1986, p.19). Para Normeide Cruz:

Mesmo quando adquiriu feições mais abasileiradas, a partir do projeto de nacionalização da literatura, não deixou de ser pedagógica e utilitária. A produção literária dirigida à criança e ao jovem, vistos como os elementos que garantiriam a grandeza do país, era revestida de patriotismo e se constituía em instrumento; Bassotransmissor de valores morais e cívicos que os adultos consideravam importantes e necessários para aqueles que seriam o futuro da nação (Cruz, 2009, p.24).

Além disso, é por meio de Monteiro Lobato que a literatura infantil chega ao Brasil como uma produção própria, visto que as obras eram sempre com adaptações de origem europeia. Sendo assim, em 1920, pelas mãos de Monteiro Lobato, surge a obra *A menina do Narizinho arrebitado*, mostrando diversidade e riqueza dentro da obra.

Ademais, essa obra teve um grande destaque no período de seu lançamento. Desde então, Lobato dedicou-se cada vez mais à literatura infantil, tanto como autor quanto como empreendedor ao fundar editoras como Monteiro Lobato e Cia., a Companhia Editoria Nacional e a Brasiliense, e ao publicar diversas obras próprias (Zilberman; Lajolo, 2007). Com isso, mais tarde, outros autores também começaram a se empenhar em escrever para crianças e jovens, com aspectos folclóricos, histórias populares brasileiras e narrativas originais, como: José Lins do Rego com *Histórias da velha Totônia* (1936); Graciliano Ramos publicou *Alexandre e outros heróis* (1944); Érico Veríssimo, em *As aventuras do avião vermelho* (1936) (Zilberman; Lajolo, 1986).

Desse modo, Zilberman e Lajolo (2007) ressaltam que o cenário evolutivo do mercado editorial da literatura infantil e juvenil foi influenciado por aspectos sociais e econômicos, como: a industrialização, a movimentação econômica, o aumento de consumo de livros nas redes escolares, a urbanização, o fortalecimento da classe média e a expansão do acesso à

educação nas áreas urbanas. Destarte, o espaço que a literatura juvenil conseguiu possibilitou que esse gênero literário ganhasse performance e mais vozes para a produção de obras com assuntos voltados à juventude, mostrando como é fundamental esse artefato para a compreensão de uma literatura para esse público.

1.1 A NARRATIVA LITERÁRIA JUVENIL: CONCEITOS E ESPECIFICIDADES

A discussão sobre literatura juvenil é bem recente, vários autores ainda utilizam a expressão literatura infanto-juvenil para designar obras destinadas tanto às crianças quanto aos adolescentes. Nessa perspectiva, como destaca Francine Bystronki Puchalski (2017), existe uma vasta produção teórica em relação à literatura ‘infanto-juvenil, entretanto “[...] com clara ênfase às características da primeira, sendo a segunda um anexo que compreende uma extensão da infância” (Puchalski, 2017, p. 32). Dessa forma, antes de definir literatura juvenil, é essencial compreender o conceito de juventude:

A juventude é, na sociologia, também uma categoria histórica. É que a juventude, concretamente como representação social e como grupo etário, não é reconhecida ou formada em todas as sociedades. Quando existe, a juventude opera de modos diferentes, conforme a sociedade em que vigora e, até mesmo, conforme o grupo específico ou classe social. A juventude é uma categoria histórica, enfim, porque é sujeita a transformações e metamorfoses, a ponto de poder desaparecer quando dada sociedade se reconfigura – como na passagem das sociedades antigas às medievais, no mundo europeu (Groppo, 2017, p. 14).

Nesse sentido, de acordo com o autor, somente a faixa etária não define a condição juvenil, pois a juventude não é uma categoria consolidada, mas sim uma construção social influenciadas pelas interpretações socioculturais, ou seja, os comportamentos e identidades dos jovens são moldados pelas condições históricas, sociais e culturais que eles vivem. Como destaca Luís Antônio Groppo (2017, p. 15) “[...]a sociologia da juventude considera que toda categoria etária, como é a juventude, nasce da interpretação e ressignificação sociocultural das transformações biopsicológicas do curso da vida.”. Dessa forma, a juventude não deve ser estudada de forma isolada, são vários fatores que interferem no que a sociedade pode considerar ser jovem ou adolescente.

Entender a juventude em sua complexidade permite desenvolver uma literatura que dialoga não só com a faixa etária e a capacidade leitora, como também com os aspectos sociais, históricos para que, assim, possa atender as necessidades e preferências individuais do leitor/a. A partir dessa perspectiva, a medida em que as compreensões sobre ser criança, adolescente ou ser jovem foram surgindo, o campo literário também foi se transformando:

[...] os livros infantis e juvenis são oferecidos a seus possíveis destinatários, considerando as variadas faixas etárias em que se distribui o flutuante público de crianças e jovens. Tais leitores – nas origens do gênero no Brasil indistintamente nomeados como crianças – são agora sofisticadamente redistribuídos em subcategorias como jovem adulto, leitor proficiente, leitor pré-alfabético e mais outras tantas denominações pelas quais a imaginação editorial, com uma mãozinha da Pedagogia, distribui sua clientela virtual segundo sua competência leitora (Lajolo; Zilberman, 2017, p. 66).

Desse modo, como destacam as autoras, os jovens não são mais tratados de maneira genérica, pois é possível perceber uma categorização desse jovem em relação à faixa etária e a capacidade leitora. Essa classificação está relacionada não só aos interesses pedagógicos, como também aos interesses comerciais, uma vez que essa divisão contribui de forma positiva para que os profissionais da educação, pais ou os próprios jovens possam escolher obras literárias de acordo com o nível de maturidade, competência leitora e o estágio de desenvolvimento.

Não obstante, segundo Sousa (2023, p. 3), “[...] com base na nova configuração da produção infantil e juvenil, apresentamos, de maneira analítica, uma categorização do gênero juvenil”. Ainda segundo a autora, essa classificação leva em conta as idades dos personagens principais da história, que são divididas em: “[...] jovem ou *teen* (12 a 15 anos de idade) e jovem adulto ou *Young Adult* (YA) (16 a 18 anos de idade)” (Sousa, 2023, p. 3). Além disso, Sousa (2023) também destaca alguns gêneros literários juvenis observados nas indicações da editora Arqueiro, que utiliza o termo YA, evidenciando-o em vários gêneros literários, a saber: “[...] ficção, ficção científica, fantasia, policial, romance, romance de época, romance histórico, romances de hoje, terror e thriller” (Sousa, 2023, p.03). Entretanto, em relação ao termo YA, a autora ressalta que:

A nomenclatura dessa nova configuração pode variar no mercado editorial, sendo possível encontrar a categoria *Middle-grade* (MD) ou Infantojuvenil para representar as narrativas com protagonistas na faixa etária de 8 a 12 anos; Jovem Adulto, na faixa de 12 a 15 anos, e Jovem Adulto Maduro, na faixa de 16 a 18 anos. É possível encontrar, também, histórias cujos personagens têm entre 18 e 25 anos - classificadas como *New Adult* (NA) ou Novo Adulto, que é quando o jovem está saindo de casa ou indo para a universidade (Sousa, 2023, p.03).

A literatura juvenil é composta por diversos subgêneros, dentre eles estão *fantasy fiction* e *teen chick lit*. Em relação ao primeiro, algumas características dessa narrativa são:

a) os personagens principais são protagonizados por crianças, adolescentes ou jovem adultos; b) os antagonistas são adultos ou personagens mais velhos que os protagonistas, que podem ter (ou não) um laço familiar com estes; c) os temas apresentam uma inter-relação de mundos paralelos, podendo os personagens transitar entre outros planetas e épocas e d) o espaço ficcional é representado pelo ‘entre-lugar’ e credos religiosos dessemelhantes, sendo guiado pela aproximação entre ciência e magia (Sousa, 2023, p.02).

No que se refere ao segundo subgênero, *teen chick lit*, este “[...] faz parte da literatura cor-de-rosa contemporânea e representa o dia a dia juvenil, sobretudo a vida tumultuada de

personagens femininas, as quais enfrentam os dramas da adolescência, entre eles os conflitos amorosos” (Sousa, 2023, p. 03). Dentre as autoras brasileiras que escrevem *teen chick lit*, Sousa (2023) destaca Paula Pimenta, autora da série *Fazendo Meu Filme*, publicada entre 2008 e 2012, e Thalita Rebouças, autora da série *Fala sério*, publicados entre 2003 e 2012.

Além desses dois subgêneros, Sousa (2023) apresenta o gênero *sick lit*, que aborda narrativas de jovens e adolescentes doentes. A autora cita como exemplo “[...] *A culpa é das estrelas* (2012), de John Green, com a personagem Hazel Grace, de 17 anos, que sofre com um cancro na tiroide, o qual evolui para uma metástase no pulmão” (Sousa, 2023, p.06). Desse modo, todos os gêneros e subgêneros apresentados pela autora evidenciam a diversidade de narrativas que ampliam o leque de representatividade e inclusão de diversos temas, aproximando ainda mais o/a leitor/a da obra.

De acordo com Schneider, “[...] a necessidade de identificação com a personagem e suas vivências é muito grande para o leitor jovem” (Schneider, 2012, p.34), seja nas suas experiências como jovem, em situações do dia a dia, ou em questões culturais, sociais e étnicas:

Um dos elementos estruturais da narrativa que mais contribuem para a identificação do leitor é a personagem. Logo, sua construção deve levar em conta o universo existencial e social do jovem, seus anseios, seus problemas e sua necessidade de afirmação. Se a história oferecer um final positivo, estimulador da imaginação e da sensibilidade, vai incentivar o desafio, a aventura, a busca de novos caminhos e a vontade de lutar pela vida. Uma maneira de proporcionar essa identificação é através do herói da história juvenil (Schneider, 2012, p.33).

Ademais, são as particularidades que indicam quais temas podem ser abordados na literatura juvenil, pois é nesta fase que os adolescentes passam por uma grande transição, não só na transformação física, como também a construção da identidade, início de interesses românticos, experimentação de novas experiências, escolha da profissão e determinação de seu papel social. Nesse sentido, são esses temas que irão atrair mais a atenção do/a leitor/a jovem. Na verdade, não apenas o público jovem, mas a tendência é que a maioria das pessoas escolha determinadas obras de acordo com suas vivências e sentimentos num determinado momento (Schneider, 2012). Dessa forma, as suas necessidades emocionais e intelectuais sintonizam com suas preferências para os diversos gêneros e subgêneros da literatura juvenil, como o *fantasy fiction*, o *teen chick lit* e o *sick lit*.

2 IDENTIDADE NEGRA: ASPECTOS PESSOAIS, CULTURAIS E SOCIAIS

Neste capítulo, serão abordadas reflexões sobre a identidade negra, com destaque para suas dimensões pessoais, sociais e culturais que envolvem o povo negro, considerando que a identidade está em constante transformação. Também será discutida a representação da identidade negra na literatura juvenil, destacando como, historicamente, o negro foi frequentemente retratado de forma estereotipada nas mídias e na literatura. Ademais, serão apresentados os avanços da literatura juvenil e como a promulgação da Lei 10.639, em 2003, contribuiu para a afirmação e para a resistência das identidades negras. Por fim, serão apresentados alguns aspectos sobre a literatura negra juvenil baiana, considerando a limitação de teorias em relação a essas obras literárias.

A definição de identidade pode ser vista como um processo de construção de sentido a partir das experiências vivenciadas individualmente ou em grupos que culminarão na priorização de determinados atributos em detrimento de outros. Essas peculiaridades podem vir de diferentes fontes, tais como: históricas, geográficas, biológicas, sociais, culturais, religiosas e filosóficas (Munanga, 2002). Nesse sentido, a identidade é uma construção contínua e contextual, influenciada por diversas dimensões que interagem em cada experiência.

Além disso, a identidade também passa por um processo de construção que ocorre pela existência do outro. Em vista disso, é definida não apenas por suas características internas, mas também pela comparação e distinção com outras culturas:

[...] partindo sempre da ideia de que a identidade é um processo de construção de sentido, que não tem uma essência, a não ser uma essência histórica e política. Ora, como pensar a identidade sem questões políticas de sobrevivência de um povo, sem questões de participação no processo nacional, sem questões de poder, sem questões de dominação? A identidade não teria sentido. A identidade de um povo só se define numa relação dialógica com a identidade do outro. Nesse processo de negociação das convivências é que as identidades se colocam (Munanga, 2002, p. 12).

Dessa forma, não se pode pensar em identidade sem relacioná-la com aspectos de sobrevivência, participação, poder e dominação, uma vez que nesse cenário de globalização, as identidades interagem umas com as outras, se transformam e estão em constante negociação. À vista disso, essa concepção sugere que as identidades não podem ser compreendidas sem levar em conta o contexto histórico e social específico de cada indivíduo ou grupo. Essas ideias complementam os pensamentos de Hall (2006) ao definir que a identidade na concepção sociológica, está ligada ao equilíbrio entre o “interno”, o indivíduo, suas personalidades, sentimentos e o “externo” contexto social e histórico. Através das identidades culturais o

indivíduo absorve e internaliza seus significados e valores, alinhando a sua subjetividade e o lugar que ocupa no campo social.

Destarte, a identidade do sujeito não é estável, é fluida e está em constante transformação devido à interação com outras culturas, povos e costumes. Erving Goffman (2008, p. 116) acrescenta que “As identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão”. Essas identidades não são construídas isoladamente, mas são moldadas, em grande parte, pelas interpretações e percepções que os outros fazem sobre o indivíduo. Desse modo, a identidade está sempre em questão, na medida que está sujeita a mudanças e a interpretações que não correspondem ao que realmente o indivíduo se define. Um exemplo disso é um indivíduo que se considera tímido e é interpretado pelo outro como desinteressado e antissocial. Uma outra situação, ao adentrar nas discussões relacionadas à identidade negra, se destaca pelo fato de que, enquanto a pessoa negra pode considerar tal identidade como expressão de orgulho e pertencimento étnico, outros indivíduos podem considerá-la como irrelevante. Nesse sentido, essa percepção do outro em relação ao negro também ocorre em relação a aparência, em que, frequentemente, pessoas negras são julgadas pelo seu tom de pele. Isso ocorre pela imagem estereotipada que fora alimentada pela mídia, literatura e outros meios.

Ademais, é possível distinguir várias formas de identidade em um país como Brasil, que é marcado pela interação de desigualdade sustentada na raça. Torna-se pertinente pensar sobre tais formas através dos conceitos de Manuel Castells, na existência de uma identidade legitimadora, formada pelas classes superiores e ideologia hegemônicas, uma identidade construída em desfavor das diversidades étnicas, culturais e de diversos campos que contribuíram para a construção do Brasil (Munanga, 2002). Nesse segmento, surge um outro tipo de identidade que resiste a essa, a identidade de resistência, que é produzida por grupos ou indivíduos em condições subalternas. Ainda segundo a linha de pensamento de Munanga:

O processo de tomada de consciência nessa cultura de resistência leva à construção de identidade que nós podemos considerar como identidades de resistência e que podem ser localizadas em toda a diversidade cultural brasileira, em várias regiões do Brasil. Salvador com as religiões afrodescendentes, com os blocos afros; com culinárias que nós podemos localizar no Sul através da cultura gaúcha; cultura maranhense, e tudo isso é identidade de resistência que são resultado de culturas de resistência (Munanga, 2002, p.13).

Dessa maneira, como destaca o autor, a identidade de resistência é uma forma de afirmar culturas que sempre estiveram à margem, em processo de apagamento na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, essa resistência desempenha um papel crucial na luta dos negros pela

conquista dos seus direitos, no enfrentamento do racismo, da exclusão, da marginalização e da invisibilidade no âmbito político, cultural e social.

Na transição do século XIX para o século XX, acreditava-se que para construir uma identidade brasileira era preciso que o país vivenciasse a miscigenação, ou seja, para a elite intelectual, era dessa forma que se eliminaria tanto as diversidades biológicas quanto culturais e extingiria, também, a presença dos povos indígenas, do negro, fazendo surgir, desse modo, uma nova raça: a raça branca. Essa teoria não foi bem-sucedida, uma vez que, o Brasil não é branco, é um país caracterizado pela diversidade (Munanga, 2002). Nessa perspectiva, ao pensar em identidade nacional no contexto brasileiro, Hall destaca que:

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque - contrariamente à crença generalizada - a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos *no interior* do que chamamos de 'raças' quer *entre* uma 'raça' e outra. A diferença genética - o último refúgio das ideologias racistas - não pode ser usada para distinguir um povo do outro (Hall, 2006, 62-63).

Assim, o autor argumenta que a tentativa de unificar a identidade nacional em torno da ideia de raça é problemática, pois a raça não possui, no conceito biológico, uma base científica concreta que justifique as divisões humanas. Munanga (2002) acrescenta, ainda, que existe uma multiplicidade de pessoas com características diferentes que pertencem à mesma raça. O uso desse conceito é incapaz de capturar essa complexidade, pois essa utilização só resultou em uma divisão que “[...] apenas hierarquizou a diversidade humana em três grandes raças desiguais, dando origem ao determinismo científico, ao determinismo ideológico que praticamente pavimentou o caminho da doutrina racista” (Munanga, 2002, p.16). Nesse sentido, acaba sendo uma categoria que intensifica as injustiças raciais.

Posto isso, o conceito de raça no sentido biológico torna-se ultrapassado, alguns preferem utilizar o termo etnia, que considera aspectos culturais, linguísticos, históricos e sociais para caracterizar grupos e pessoas. Para Munanga (2002, p. 16), “[...]o conceito continua sendo utilizado na nossa comunidade científica, mas apenas como uma construção sociológica, porque ele tem um conteúdo político e ideológico relacionado com a estrutura do poder de cada sociedade multinacional”. Em vista disso, compreender a raça como uma construção social é fundamental para desnaturalizar o racismo e propor ações efetivas contra ele.

Dessa forma, quando se fala em identidade negra, considerando a realidade etnográfica do Brasil contemporâneo, Munanga (2002) ressalta que não é adequado falar de identidade cultural branca ou negra de forma singular. Para o autor, existe uma cultura de massa que

aproxima diferentes povos e grupos, influenciada pelos meios de comunicação e pelas tecnologias, que pode ser chamada de cultura globalizada. Algumas culturas, chamadas de resistências, fogem dessa cultura globalizada e buscam valorizar identidades particulares. Nesse sentido, como aborda Munanga:

Olhando a disposição geográfica do Brasil e com base na documentação etnográfica, fica difícil encontrar uma única cultura negra e uma única cultura branca. Os afro-baianos produzem no campo da religiosidade, da música e da culinária uma cultura diferente da dos afro-mineiros, dos afro-maranhenses e dos negros do Rio de Janeiro. Todas as comunidades quilombolas, apesar de terem em comum alguns problemas, tais como a falta de documento de propriedade sobre a terra onde moram problemas comuns como saúde e educação, todas elas têm histórias de culturas diferentes, cultivam religiões diferentes. Quem conhece os quilombos percebe que eles têm religiões diferentes e muitos não têm candomblé. Os gaúchos do Rio Grande do Sul têm também particularidades culturais: trajes, hábitos, alimentos e culinárias diferentes das outras regiões do Brasil (Munanga, 2002, p.17-18).

Isso posto, pode-se afirmar que não há uma homogeneidade cultural única entre negros ou brancos. A diversidade cultural é evidente nas diferentes culturas formadas em cada região do Brasil. Essa heterogeneidade também se manifesta entre os povos que compartilham os mesmos elementos culturais, como religiões, músicas, culinárias e costumes, os quais são praticados de maneiras distintas por diferentes grupos.

Ademais, no processo histórico brasileiro, o negro sempre foi inferiorizado, as ideologias brasileiras buscavam valorizar apenas as características europeias. Esses aspectos colaboraram para que os próprios negros se afastassem da sua identidade, enfraquecendo a união entre os movimentos e construindo um obstáculo para a formação de uma identidade negra coletiva. Desse modo, como destaca Munanga (1999, p. 15), “Apesar de algumas conquistas simbólicas e concretas, [...] os movimentos negros ainda não conseguiram mobilizar todas as suas bases populares e inculcar-lhes o sentimento de uma identidade coletiva”. De acordo com o autor:

No que diz respeito aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membro de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente (Munanga, 1999, p.14).

Nesse sentido, os movimentos negros contemporâneos passam por uma tarefa desafiadora ao lidar com o esse processo histórico de exclusão, mas lutam e se apoiam em diferentes estratégias para fortalecer essa identidade, como o reconhecimento de um passado histórico, a valorização da cor, das características físicas e culturais.

Portanto, ao levar em consideração todas as dificuldades enfrentadas pelo povo negro, notamos que falar em identidades negras é um fator crucial em um país em que, ao longo do processo histórico e social, a população negra sempre foi inferiorizada, seja por meio da sua cor, culturas e raízes. Nessa perspectiva, torna-se indispensável refletir sobre a importância dessas culturas nos vários espaços do mundo, pois elas representam elementos de resistência que servem para “construir uma identidade de projeto, para dizer que chegamos, trabalhamos, participamos da construção da economia do Brasil, da riqueza do Brasil, povoamos o Brasil, fizemos a história do Brasil” (Munanga, 2002, p.19). Assim, compreendemos que essas identidades negras são continuamente reconstruídas em cada contexto, regional, social, histórico ou cultural, mas sempre em busca de afirmar a sua resistência diante da exclusão.

2.1 A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA JUVENIL

Por muito tempo, pessoas negras foram marginalizadas e submetidas à desigualdade em diversas esferas da sociedade, enfrentando barreiras sistêmicas que limitaram suas oportunidades. A busca por reconhecimento e valorização tem sido constante, em um contexto marcado por valores e estruturas sociais que historicamente privilegiaram a branquitude.

Neste sentido, como aborda Neusa Santos Souza (1983, p. 19), “[...] econômica, política e socialmente como inferior e submisso e não possuindo uma outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade ao estruturar e levar a cabo a estratégia da ascensão social”. Desse modo, foi a partir dos anos de 1950 que a literatura se revelou importante para a visibilidade da figura do negro no Brasil. E foi por meio da resistência e protagonismo que surgiram movimentos negros para que tivessem mudanças sociais, o que fortaleceu a população negra a lutar por seus direitos.

Desse modo, é importante ressaltar como é representada a imagem do negro na literatura e na sociedade, já que, conforme Cuti (2010, p. 13), “[...] a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”. Dessa maneira, a presença do negro em obras literárias, novelas, filmes ou desenhos animados aparece, em grande parte, de maneira preconceituosa.

Nesse sentido, para analisar uma obra é essencial considerar seu contexto social e histórico, observando o período em que a obra foi escrita e publicada. Isso permite identificar como esses aspectos podem influenciar tanto os temas como os personagens. Um exemplo dessa

relação é a obra de Monteiro Lobato, produzida em uma época de grandes transformações políticas e sociais. Assim, como destaca Antônio Cândido:

[...] a função histórica ou social de uma obra depende da sua estrutura literária. E que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável (Cândido, 2006, p.177).

Nesse aspecto, podemos destacar a obra de Monteiro Lobato, que tem como título *Memórias de Emília*, uma protagonista que tem ganhado espaço e personalidade na literatura. Na obra, a personagem expressa suas impressões sobre o sítio. No capítulo que tem como título *A fuga do anjinho, Grande tristeza. Despedida da criançada e do Almirante Brown*, há um trecho em que Emília aponta a seguinte frase: “[...] burrona! Negra beijuda! Deus que te marcou alguma coisa em ti achou. Quando ele preteja uma criatura é por castigo” (Lobato, 2009, p.69).

A fala de Emília, ao expressar desdém e repulsa pelas características da Tia Nastácia, revela um padrão de representação presente em toda a obra de Monteiro Lobato. A personagem negra, nesse contexto, é constantemente associada a estereótipos negativos, como a subserviência e a inferioridade, reforçando a hierarquização racial presente na sociedade brasileira da época. Essa representação problemática não se limita à obra de Lobato, mas sim a um legado histórico de racismo e discriminação que moldou a visão sobre os negros no Brasil. Ao perpetuar esses estereótipos, a literatura infantil, que deveria ser um veículo de educação e formação de valores, acaba contribuindo para a naturalização do preconceito racial, com consequências duradouras para a sociedade.

A literatura do início do século XX, reflexo das tensões sociais da época, frequentemente omitia ou subalternizava personagens negros. Quando presentes, eram limitados a papéis secundários e estereotipados. Como aponta Cuti, essa representação negativa da negritude reforçava a discriminação racial:

Na literatura, por razões fundamentadas em teorias racistas, a eliminação da personagem negra passa a ser um velado código de princípios. Ou a personagem morre ou sua descendência clareia. A evolução do negro no plano ficcional só pode ocorrer no sentido de se tornar branco, pois a ‘afro-brasilidade’ pode sobreviver sem o negro, uma vez que um afro-brasileiro pode ser um não negro, ou seja, não ser vítima da discriminação racial ou, até ser um discriminador (Cuti, 2010, p. 33).

Nesse sentido, a população negra é constantemente representada em um contexto de discriminação, pobreza, violência, desigualdade social e marginalização. De forma geral, esses indivíduos negros são colocados em ambientes predeterminados, sendo forçados, constantemente, a confrontar as dificuldades com o propósito de transcenderem esses

obstáculos para o alcançarem os objetivos. Desse modo, é fundamental que, no mundo literário, haja a voz negra, pois, além de possibilitar a representação desses escritores negros, promove a desconstrução de preconceitos iminentes na sociedade, podendo romper com a padronização desses contextos narrativos.

Ao longo da história brasileira, o protagonismo negro tem conquistado cada vez mais espaço, evidenciando traços que descrevem a luta do povo negro. Essa história é fortemente marcada na sociedade, pois vai além dos filmes, desenhos animados, incluindo a música que é vista frequentemente como um símbolo de aceitação da identidade negra. Como pode ser visto também no filme *Pantera Negra*, que apresenta um super-herói negro, e no desenho *A Princesa e o Sapo*, no qual a protagonista é uma mulher negra, guerreira, trabalhadora que exibe empoderamento feminino ao buscar realizar seus sonhos. Nessas produções, é possível notar que a diversidade é importante. No âmbito musical, é oferecida uma reflexão relevante. A canção que tem como título *A vida é um desafio* de Racionais Mc 's, aponta que “[...] por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses”. Como destaca Souza:

O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente (Souza, 1983, p. 18).

Souza (1983) evidencia que, para obter a ascensão social em uma sociedade estruturada sob um modelo elitista e pautada por valores brancos, os negros buscam uma aceitação social, deixando de lado sua identidade cultural. Desse modo, a representação desse tema pode assimilar ao contexto da música *A vida é um desafio* exposto por Racionais Mc 's, que aborda situações em que ocorrem diariamente na sociedade brasileira, retratando a vida de muitos brasileiros que vivem à margem da civilização. Ela destaca os desafios enfrentados para sobreviver à violência e à miséria, além de evidenciar como essas pessoas são frequentemente descriminalizadas e possuem poucas expectativas de vida. A canção revela essas histórias que refletem a realidade de muitos. Ademais, faz uma denúncia sobre a desigualdade social, ressaltando que, para uma pessoa negra, é necessário ser duas vezes melhor para conquistar o mesmo reconhecimento.

Nesse sentido, como ressalta a autora Ingrid Andresa Neles de Aquino (2020, p. 97), “[...] caberia ao negro – que devido ao preconceito de cor não conseguia grande inserção na sociedade – prezar pela honestidade, por cumprir com as suas obrigações, cuidar de sua moral

e de sua família”. Desse modo, a autora destaca que, em razão do preconceito racial, por muito tempo os negros eram coagidos a adotar comportamentos morais, como a honestidade, cumprimentos de deveres familiares. Assim, os negros buscam a aceitação da sociedade, apesar de, geralmente, serem atribuídos a eles papéis secundários.

Diante desse cenário, com o passar do tempo, os grupos sociais cresceram, fortalecendo a luta das mulheres por seus direitos. Esses movimentos foram essenciais para abrir espaço a grandes escritoras negras na literatura, como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis. Por meio de suas obras, essas autoras conectaram-se com o público leitor, que pôde se inspirar em suas histórias e refletir sobre realidades muitas vezes silenciadas.

Na obra *Menina bonita do laço de fita*, já é possível perceber a admiração pela cor da personagem, o que desperta respeito por sua beleza natural. A obra é desenvolvida pela autora Ana Maria Machado, publicada em 1986. Na primeira ilustração do livro, foi retratado o coelho apaixonado pela linda menina. A autora expressa, com humor e carinho, características de uma beleza negra, mostrando-a como realmente é, sem deixar espaço para o preconceito. Dessa forma, Ana Maria Machado aborda sua protagonista da seguinte maneira “[...] os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapo da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera negra quando pula na chuva” (Machado, 2011. p. 03).

A história se torna fascinante ao apresentar uma protagonista negra, cujas características são enaltecidas e admiradas por outro personagem, que, constantemente, pergunta sobre o segredo de sua cor. É perceptível que a identidade negra é marcada como expressão de reconhecimento e apreço, com a finalidade de enaltecer a beleza do protagonista. A autora busca transmitir ao público leitor a importância de valorizar a negritude, destacando-a de forma positiva.

A obra *O menino marrom*, de Ziraldo Alves Pinto, publicada em 1986, conta a história de um menino de pele marrom e sua amizade com um menino de pele branca. Apesar das diferenças de cor de pele, eles descobrem muitas semelhanças, como brincadeiras, aprendizados e experiências compartilhadas. Ao longo da narrativa, a obra destaca que as aparências não definem o valor de uma pessoa. A história reflete sobre o respeito e a valorização das diferenças.

Outra obra de destaque para o campo da literatura negra brasileira é *Cadernos negros*, coletânea que surgiu na década de 1970 e que foi criada por um grupo de jovens estudantes negros engajados em promover a visibilidade e reconhecimento da literatura produzida por autores negros no Brasil. A obra é idealizada dentro de um contexto de resistência cultural e política. Além disso, destaca-se por suas poesias e contos, que expressam a valorização da

cultura afro-brasileira. Publicada anualmente, essa coletânea tem se tornado uma referência para autores negros e um marco significativo para a literatura brasileira.

Conforme apontado por Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg, “*Cadernos negros* é a viva imagem da África em nosso continente. É a diáspora Negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as cicatrizes que assinalam sua dramática trajetória trazendo em suas mãos o livro” (Gonzalez; Hasenbalg, 1982. p.26). A autora afirma que a coletânea *Cadernos Negros* representa uma herança africana manifestada no Brasil, tornando-se, assim, um testemunho da resistência negra. Dessa forma, Gonzalez e Hasenbalg (1982) reforçam a conexão profunda entre a obra e as raízes africanas, evidenciando a valorização dessa ancestralidade.

Assim, além das obras apresentadas nos parágrafos anteriores, podemos ainda incluir algumas produções literárias que contribuem para literatura infantil e juvenil, tais como: *O ódio que você semeia*, de Angie Thomas (2017), *Se eu pudesse Danila, te levava pra tomar banho de mar em Guarajuba*, de Breno Fernandes (2021), *Eu e meu lugar*, de Vânia Abreu (2016), *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França (2020).

Em síntese, é possível perceber que a inclusão do protagonismo negro na sociedade é viável e essencial. Desse modo, para que essa inclusão seja eficaz, é fundamental que haja modelos positivos de figuras negras, para que a representação seja, de fato, colaboradora para a formação do/a leitor/a. Isso permite que os negros sejam aceitos como são, sem que sua identidade seja disfarçada por termos “morenos”, expressão que, na maioria das vezes, é utilizada como disfarce para não ser julgado como racismo. Portanto, quando não tem a presença do protagonismo negro, mas somente a dominação do branco é retratada, contribui-se para o preconceito na concepção do/a leitor/a. Para tanto, é fundamental que a sociedade aprenda a aceitar e a respeitar as diferenças de modo genuíno.

2.2 O AVANÇO DA LITERATURA JUVENIL NEGRA NO MERCADO EDITORIAL

O mercado editorial brasileiro é considerado um dos maiores do mundo e desempenha um papel importante na sociedade. Dessa forma, tem contribuído significativamente para a produção literária de autores e autoras negras. Nota-se que antes da lei 10639/03 era bem limitado. Na década de 1990 não existiam reformas relevantes para a questão étnico-racial. Todavia, para que haja mudanças é necessário a participação de diversos atores para o sucesso dessa integração, como governo, educadores, editores e autores, instituições de ensino, organizações e movimentos sociais. Desse modo, foi a partir dos anos 2000 que houve essa

inclusão nas políticas públicas, incentivando a mudar o sistema de aprendizagem. Nesse sentido, foi com a inserção da Lei 10.639/03 que se obteve um impacto no mercado editorial juvenil baiano, adaptando conforme a demanda sancionada pela lei.

De acordo com Wagner Ramos Campos e Marly Amarilha:

Esses documentos alteram preceitos básicos da própria função do sistema educacional e são um marco divisor na história da educação dos negros no Brasil, justamente por representar uma oportunidade de reconstrução das identidades negras, formando cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico, o que, por sua vez, seria o primeiro e mais importante passo em direção à democratização das relações étnico-raciais no nosso país (Campos; Amarilha, 2015, p. 145).

Desse modo, é perceptível que, após a legitimação da Lei 10.639/03, o mercado editorial começou a produzir em grandes quantidades de livros. Dessa maneira, a partir do momento em que é cumprida a legislação e abordada em sala de aula os conteúdos de ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, fomenta a curiosidade de aprofundamento por parte dos educandos, fazendo com que o mercado editorial produza. Ou seja, quando grupos ou as próprias escolas procuram por livros que tratem de temas como a literatura de identidade negra, afro-brasileira entre outras, a editora sente-se responsável por produzir mais obras com esse conteúdo.

Uma pesquisa realizada por Thais Madeira (2016) aborda as relações étnico-racial no campo educativo. Para isso, apresenta um quadro com as obras aprovadas e comercializadas pelas editoras no âmbito do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2013.

Quadro 01- Obras aprovadas pelas editoras




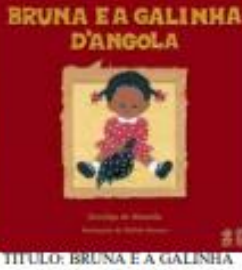


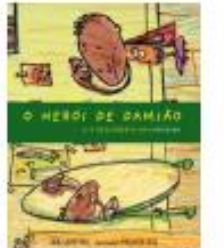
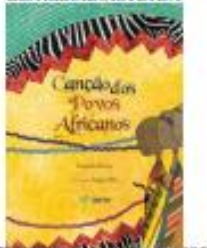



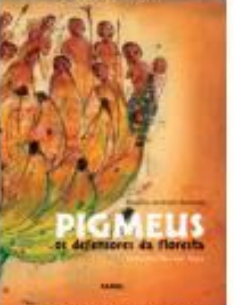
<i>Editora</i>	<i>Título</i>	<i>N. de exemplares vendidos</i>	<i>preço</i>
Pallas	Bruna e a Galinha D'Angola	98.665	4,18
	Tabuleiro da Baina	98.665	1,56
	Menino Nito	91.496	3,27
	Maracatu	91.496	1,26
Mazza	História da Nossa gente	98.665	4,43
Cosaf e Naify	Lilás, uma menina diferente	98.665	4,36
SM	As Panquecas de Mama Panya	98.665	5,84
IMPEH	Canção dos Povos Africanos	98.665	3,79
Comboio de Corda	Plantando as Árvores do Quênia: A história de Wangari Maathai	98.665	5,34
	Minha família é colorida	91.496	3,28
Gilmar Cassol Ed.	Dandara, o dragão e a lua	91.496	2,88
RJH Ed.	Histórias Encantadas Africanas	98.665	4,79
Manuela Editorial	Porque somos de cores diferentes	98.665	3,18

Fonte: FNDE (2013)

(Madeira, 2016, p. 91-93)

Desse modo, essa pesquisa evidencia que há uma baixa representação nas obras relacionadas ao tema *étnico-racial* no contexto do PNLD nos anos de 2010 a 2013 para a distribuição de livros nas escolas. Assim, apesar da baixa reprodução nesse período, é possível destacar que essas obras foram um marco importante para a população negra, uma vez que a lei é proporcionada para impulsionar uma maior produção desses livros.

(Ver figura 01) - Obras voltadas para o tema étnico-racial- PNLD

OBRAS COMPLEMENTARES		OBRAS COMPLEMENTARES	
2010		2013	
 <p>TÍTULO: CHAKA ... AUTOR: Marie Sellier EDITORA SCHWARCZ LTDA</p>	 <p>TÍTULO: A VIDA EM SOCIEDADE AUTOR: Piere Fatumbi Verger EDITORA COMPANHIA EDITORA NACIONAL</p>	 <p>TÍTULO: O MENINO NITO AUTOR: Sônia Rosa PALLAS EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA</p>	 <p>TÍTULO: BRUNA E A GALINHA D'ANGOLA AUTOR: Gercilga Marques Saraiva de Almeida EDITORA PALLAS EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA</p>
 <p>TÍTULO: ABRE ALAS QUE EU QUERO PASSAR AUTOR: Newton Foot EDITORA ESCALA EMPRESA DE COMUNICAÇÃO</p>	 <p>TÍTULO: ABC: CURUMIM JÁ SABE LER! AUTOR: Bia Hetzel e Sílvia Nogueiras EDITORA MANATI PRODUÇÕES EDITORIAIS LTDA</p>	 <p>TÍTULO: O HERÓI DE DAMIÃO EM A DESCOBERTA DA CAPOEIRA AUTOR: Iza Lofito</p>	 <p>TÍTULO: CANÇÃO DOS POVOS AFRICANOS AUTOR: Fernando da Paixão EDITORA IMEPI-INST META DE EDUC PESQ E FORMAÇÃO DE REC HUM LTDA</p>
 <p>TÍTULO: KABA DAREBU AUTOR: Daniel Munduruku EDITORA BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS</p>	 <p>TÍTULO: O MENINO E O JACARÉ AUTOR: Maté (Marie Therese Kowalczyk) EDITORA BRINQUE BOOK EDITORA DE LIVROS</p>	 <p>TÍTULO: O SENHOR DAS HISTÓRIAS - MITOS RECRIADOS EM QUADRINHOS AUTOR: Wellington Srebek EDITORA NEMO LTDA-ME</p>	 <p>TÍTULO: PIGMEUS: OS DEFENSORES DA FLORESTA AUTOR: Rogério Andrade Barbosa EDITORA FAROL LITERÁRIO LTDA</p>

(Madeira, 2016, p. 91-93)



É importante destacar que houve um avanço significativo em relação ao passado, destacando uma reflexão sobre a importância da diversidade e da representatividade nas narrativas. Nesse sentido, vale enfatizar que a presença de personagens negros apresentados de forma positiva nas narrativas contribui para o fortalecimento das identidades dos leitores, permitindo que eles se reconheçam e se identifiquem com os personagens. Além disso, o crescimento da literatura juvenil no mercado editorial beneficia não apenas a população negra, mas ajuda a desconstruir o preconceito enraizado na sociedade, que, por muito tempo, foi sistematizada por um padrão eurocêntrico. A produção dessas obras, portanto, reflete uma conscientização social que promove uma convivência mais inclusiva.

2.2.1 O QUE DIZ A LEI 10.639/2003

A Lei 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, teve como objetivo organizar o sistema educacional brasileiro, mas, inicialmente, não abordava de forma suficiente a questão étnico-racial. Nesse sentido, apenas em 2003, após muitos desafios, lutas e reivindicações, foi aprovada a Lei 10.639, que representou um ponto de referência na valorização da cultura e história afro-brasileira. Desde então, a causa negra tem ganhado mais visibilidade e apoio por meio de movimentos sociais e ações coletivas que promovem o reconhecimento da cultura afrodescendente. Desse modo, a lei, que foi sancionada, corresponde as seguintes mudanças:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Brasil, 2003).

A Lei 10.639/03 é indispensável para toda a população, principalmente para a população negra, pois promove a inclusão da história e cultura afro-brasileira. Para tanto, tem como objetivo expor a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, ou seja, vem discorrer sobre o ensinamento da história e cultura afro-brasileira e africana. Desse modo, a lei foi um aperfeiçoamento da legislação em que se efetuou o reconhecimento dos movimentos sociais, em que ocorreu o protagonismo dos povos negros na história do Brasil.

Sendo assim, a lei tem como propósito ser transparente quanto à inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira, é fundamental ministrar essa temática no ambiente escolar. Além disso, é importante abordar, em especial as áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira, para estabelecer conhecimentos da origem, da importância da cultura negra para que seja valorizada a formação da nossa sociedade.

Outrossim, a lei constitui um momento histórico: combater o racismo enraizado na população, visto que a educação está entrelaçada com a cultura europeia. Diante disso, é necessário usar a educação como ferramenta para romper o preconceito que está marcado na sociedade brasileira e, assim, promover uma sociedade mais justa e a valorização da história do povo negro.

Outro resultado que obteve aprovação da lei foi a grade curricular, em que o calendário escolar obteve uma data específica para ressaltar grandes líderes da causa negra, movimentos históricos, a valorização da cultura como a música, origem, dança e a culinária. Assim, o dia 20

de novembro foi marcado para lembrar da luta contra o preconceito racial no Brasil, que possui como título *Consciência negra*. Essa data foi instituída oficialmente pela Lei n.º 12.519, de 10 de novembro de 2011, em homenagem a todas aquelas pessoas que abraçaram a causa negra e que reivindicaram, lutaram contra o racismo, e em tributo ao líder quilombola negro Zumbi dos Palmares. Apesar de já ser considerado feriado em alguns estados e municípios, foi apenas em 2023 que o Congresso Nacional aprovou a lei que instituiu o Dia da Consciência Negra como feriado nacional.

Sob essa perspectiva, a lei é uma forma de luta contra o racismo, colaborando para que o povo negro seja valorizado, modificando novos discursos sobre o processo histórico da escravidão em sala de aula e contribuindo para novas representatividades nos livros didáticos. É possível destacar que os movimentos negros, grupos ou organizações tiveram grande importância para que essa lei fosse aprovada. Foi a partir de lutas, como a Marcha Zumbi dos Palmares, o Movimento Negro Unificado (MNU), o Teatro Experimental Negro (TEM), a Frente Negra Brasileira, grupos que reconheciam o engrandecimento da história do povo negro, que a lei foi sancionada pelo o Presidente da República, enaltecendo, assim, o espaço escolar como privilegiado. Portanto, é perceptível que, após a lei ser sancionada, houve avanços significativos para a população negra, fortalecendo o crescimento de espaços sociais e a presença do protagonismo negro no mundo literário.

2.3 O LUGAR DA LITERATURA NEGRA JUVENIL BAIANA: OBRAS E AUTORES LITERATURA JUVENIL BAIANA

Nos últimos 10 anos, mesmo com pouca visibilidade, percebe-se uma significativa produção de livros infantis de autores baianos com histórias protagonizadas por personagens negros. Entretanto, quanto a produção literária destinada ao público “[...] jovem ou *teen* (12 a 15 anos de idade) e jovem adulto ou *Young Adult* (YA) (16 a 18 anos de idade)” (Sousa, 2023, p.12), percebe-se que essas produções baianas são bastante restritas e ainda mais quando se trata do negro como figura principal nas obras.

No período de expansão da literatura infantil e juvenil, nos anos 1970, Normeide Cruz (2009) destaca que muitos dos autores baianos que escreviam para jovens e crianças já eram reconhecidos pela literatura nacional. A autora destaca exemplos marcantes, como Herberto Sales, que, em 1969, já estava presente nas criações literárias para essa faixa etária com o livro *O sobradinho dos pardais* e que, posteriormente, publica obras como *A feiticeira da salina* (1973) e *O homenzinho dos patos* (1975); Adonias Filho, que publica *Uma nota de cem* (1973)

e *Fora da pista* (1978); e Jorge Amado, que produziu a obra *O gato malhado e a andorinha sinhá*, escrita em 1948 e publicada somente em 1976. Essas produções enriqueceram tanto o cenário da literatura juvenil, como conseqüentemente fortaleceram a relação entre as obras e a identidade da Bahia.

Dessa forma, Cruz (2009) ainda ressalta que, durante a década 90, poucos escritores dos anos anteriores continuaram a escrever para o público infantil e juvenil. Apenas quatro novos nomes apareceram nessa época. Além disso, destaca alguns autores responsáveis pelas produções dessa década, a saber: “João Ubaldo Ribeiro, Gláucia Lemos, Mabel Velloso, Herberto Sales, Luís Pimentel, Sonia Robatto, Maria Antônia Ramos Coutinho, Betty Coelho, Raimundo Matos de Leão, Aristides Fraga Lima e os estreantes Cyro de Mattos, Janaína Amado [...]” (Cruz, 2009, p.68), dentre outros autores. Durante esse período, de acordo com a autora, foram lançadas apenas cinquenta e nove obras. Para mais, Cruz destaca que:

Já a primeira década do século XXI registra um número menor de obras publicadas por escritores baianos de literatura infanto-juvenil. Além dos veteranos Luís Pimentel, Sonia Robatto, Cyro de Mattos, Raimundo Matos de Leão, Betty Coelho, Jafé Borges, Ruy Espinheira Filho, Armando Avena, Lilia Gramacho Calmon e Bárbara Vasconcelos de Carvalho, estréiam Jorge de Souza Araujo, Breno Fernandes Pereira, Carolina Cunha, Helena Parente Cunha, Maria Salles, Bernadeth Argolo e Antônio Torres. Até o início de 2009 foram publicados quarenta e cinco livros (Cruz, 2009, p. 68.).

Nessa perspectiva, durante a primeira década do século XXI, houve uma redução de produções de livros de autores baianos destinados ao público infantil e juvenil. Apesar disso, a autora destaca que nesse período, além dos autores consagrados, surgiram também alguns novos escritores que ampliaram o cenário regional. Nesse sentido, embora a literatura infantil e juvenil baiana estivesse presente no campo literário, ela enfrentava dificuldades para manter sua força em relação às décadas anteriores.

Destarte, além das produções originais de obras literárias infantil e juvenil baiana, alguns escritores também traduziam obras da Europa e da América do Norte para a língua portuguesa. Desse modo, destaca algumas obras da escritora russa Condessa de Ségur, traduzidas por Herberto Sales, tais como: “*Sofia, a desastrada, As meninas exemplares, As férias e Memórias de um burro brasileiro*” (Cruz, 2009, p.67). Além dessas, Sales fez traduções de obras do escritor Gertrude C. Warner, como “*O mistério do vagão, O mistério da casa amarela, O mistério da fazenda e O mistério do chapéu azul [...]*” (Cruz, 2009, p.67), dentre outras obras.

Assim, a presença desses autores desempenha papéis fundamentais para a formação histórica da literatura juvenil e infantil baiana. Ademais, outro campo muito importante para a disseminação desse gênero são as editoras regionais, pois, apesar de editoras nacionais também

apresentarem em seus catálogos algumas obras de literatura infantil e juvenil de autores baianos, é inegável que o surgimento das novas editoras baianas colaboram ainda mais para a valorização e estímulo desses profissionais no mercado editorial brasileiro, dentre as diversas editoras baianas, destacam-se: Solisluna, Mondrongo, Paralelo13S, Casarão do Verbo, Duna, Ogum's Toques Negros, Mondrongo, Pinaúna, P55, Segundo Selo/Organismo e a Caramurê.

A Caramurê é uma editora baiana soteropolitana, que trabalha quase 100% com autores baianos, dentre eles estão: Anderson Shon, Jane Palma, Carol Feitosa, Vânia Abreu e Itamar Vieira. A editora traz em seu catálogo obras de diferentes gêneros como romances, novelas, artes, crônicas, contos e poesias que vão dos livros infantis e juvenis aos livros para o público adulto. De acordo com as informações publicadas no site da editora, ela se consolidou no mercado editorial pela qualidade e design arrojados dos seus livros, como exemplo nas publicações de arte. É possível perceber que grande parte das obras publicadas possui em seu interior literário um aspecto regional, apresentando os pontos turísticos, costumes, como também algumas personalidades baianas que foram importantes para a história e cultura do estado da Bahia e da população brasileira.

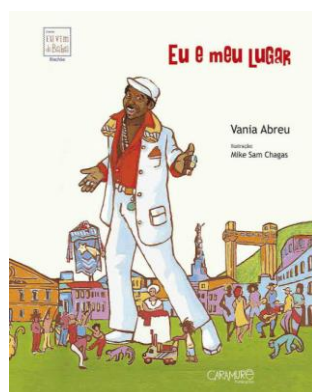
Um exemplo disso é a obra *Eu e meu lugar*, produzida pela cantora e escritora Vânia Abreu e publicada em 2016. A obra narra a história de um grupo de amigos, em que a mãe de um dos colegas os convida para ajudá-la a colar miçangas nas bandeiras para a Festa de Reis, uma celebração que representa a visita dos três Reis Magos ao menino Jesus, realizada em Salvador. Ao longo da narrativa, a autora apresenta um personagem de grande personalidade, profundamente conectado às suas raízes e cultura: Riachão. Desse modo, Vânia Abreu faz uma homenagem a um dos maiores sambistas soteropolitanos, Clementino Rodrigues, mais conhecido como Riachão. Na história, ao mesmo tempo em que a autora apresenta a biografia de Riachão, mostra também como era a relação das pessoas com o bairro e a cidade onde vive, trazendo a relevância das festas populares e das manifestações culturais.

Com o decorrer da história, a mãe de Bento sempre incentivava os meninos a terem interesses, seja fazendo perguntas ou contando fatos, o que despertava a curiosidade de todos. Nesse contexto, a autora apresenta o personagem Riachão, que veio de uma família humilde e sempre teve uma forte ligação com a música. Ainda jovem, sua mãe o levou para trabalhar como ajudante de alfaiataria. No entanto, sua trajetória mudou quando ele leu, em um jornal, a seguinte manchete: “[...] se o Rio não escrever, a Bahia não canta” (Abreu, 2016. p.16). Para Riachão, essa frase foi um insulto que o deixou profundamente chateado. Esse episódio o impulsionou a compor mais músicas. Com suas composições, grandes artistas brasileiros começaram a gravar suas canções, que retratavam histórias da cidade, as pessoas que passaram

por sua vida e acontecimentos marcantes. Assim, Riachão não apenas dava voz à sua vivência, mas também contribuía para a construção da identidade cultural de Salvador. Suas músicas ressaltam que cada lugar é marcado por suas construções históricas e pelas pessoas e eventos que o definem.

Portanto, além da obra contribuir para a representação negra, ao apresentar um sambista negro e soteropolitano, também colabora para a memória e a criação de pertencimento da população com o lugar que habitam. Esses aspectos também são evidenciados na capa do livro, figura 02, ao colocar em evidência o personagem principal, Riachão, e, ao fundo, alguns pontos turísticos de Salvador e culturas baianas.

Figura 02- Capa do livro *Eu e meu lugar*



Fonte: Google, 2024.

Em *Se eu pudesse Danila, te levava pra tomar banho de mar em Guarajuba*, de Breno Fernandes, publicado em 2021, também pela editora Caramurê, é narrada a história de um garoto negro chamado Cleolauro, que mora na periferia de Salvador. O garoto trabalha com sua bicicleta como entregador de comidas por aplicativos e, durante sua trajetória, começa a gostar de uma garota chamada Danila e conhece a realidade da sociedade brasileira. A figura 2 apresenta a capa da obra, que através de um fundo amarelo, expõe o título em cores alaranjadas e abaixo uma imagem, em tons mais escuros, de um jovem pedalando em sua bicicleta com uma mochila pendurada nas costas. A combinação de cores vibrantes e a imagem do jovem transmite uma sensação de energia e otimismo.

Figura 03- Capa do livro *Se eu pudesse Danila, te levava pra tomar banho de mar em Guarajuba*



Fonte: Google, 2024.

A obra retrata a realidade de vários brasileiros que trabalham sem vínculo empregatício com as empresas ou plataformas, que possuem uma jornada exaustiva, baixa remuneração e perda de direitos trabalhistas. No caso de Cleolauro, para garantir uma renda melhor e conseguir contribuir com as despesas da sua família, o jovem passa a abdicar das últimas aulas no turno da noite para, somente assim, conseguir pegar o horário de pico das entregas. Na obra, é possível notar essas problemáticas dos trabalhadores informais na realidade do jovem e nas falas de Danila: “a gratidão que as pessoas têm pelos aplicativos cria todo um contexto que os políticos [...] que esses caras usam pra tentar convencer a população de que as leis de proteção ao trabalhador são ruins” (Fernandes, 2021, p.42). Nesse sentido, existem pessoas que defendem essa economia menos regularizada pautada em argumentos que questionam as leis de proteção ao trabalhador.

Apesar de Cleolauro ser o personagem principal da obra, Danila também desempenha um papel crucial na história, não só pelo romance entre os jovens, mas também pelas reflexões que a jovem introduz na narrativa. Danila é uma jovem negra, de classe alta, filha do dono de um edifício onde trabalha como recepcionista. Além disso, nota-se que a personagem é muito envolvida com a luta contra o racismo e em temas sociais; em vários momentos, percebe-se que a garota possui um olhar mais atento a essas questões. Uma dessas situações ocorre quando ela identifica manifestações racistas que são “naturalizadas”, tanto por pessoas brancas quanto pelo próprio negro. Um exemplo é o caso do personagem Cleolauro, que é expulso de forma inadequada pelo gerente e um garçom em um restaurante da cidade.

A classe social de Danila só é revelada nos últimos capítulos da obra, causando um impacto significativo e surpreendendo, tanto o público leitor quanto o personagem Cleolauro, que se mostrou surpreso ao descobrir que o dono do prédio é uma pessoa preta: “[...] eu nunca imaginei que o dono disso tudo fosse... fosse que nem a gente” (Fernandes, 2021, p.135). Essa revelação tardia explora, de forma instigante, temáticas sobre pertencimento e identidade negra, incentivando o leitor a refletir sobre os estereótipos e preconceitos raciais.

Ademais, em uma conversa com Cleolauro, Danila também reflete sobre a importância e o significado de estudo para o povo preto que representa, em certo sentido, uma forma de resistência e construção de um novo futuro:

A gente só vai mudar a história toda errada que inventaram sobre o povo preto se a pele e a boca trabalharem juntas. Ou seja: se a gente souber discutir, souber argumentar, souber contestar babacas como o gerente da Maloca. É pra isso que a gente precisa de conhecimento, de estudo. Não é pra passar em prova, é uma questão de sobrevivência, tanto quanto trabalhar (Fernandes, 2021, p.99-100).

Nesse sentido, o conhecimento é uma das ferramentas essenciais para a resistência negra, no sentido de saber identificar e contestar situações discriminatórias e lutar contra figuras opressivas.

Além desse aspecto, a obra também apresenta algumas referências da música preta. Danila ressalta que aprendeu muito sobre o racismo com essas músicas e destaca alguns artistas, como: Baco, Russo Papassusso, Josyara, Afrodite, Larissa Luz, Xênia França, Luedji Luna. Uma das músicas que os jovens escutaram durante um passeio foi *Bluesman*, um rap do cantor e compositor Baco Exu do Blues: “Rap de baco exu do blues [...] A partir de agora considero tudo blues /O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues/ O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues” (Fernandes, 2021, p.39-40). O músico faz referência a diversos gêneros musicais de raízes negras e dá destaque ao blues, que, assim como as outras, eram demonizadas: “Tudo que quando era preto era do demônio/ E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues”. (Fernandes, 2021, p. 40). Nesse sentido, além dessa reivindicação cultural, a música também manifesta a respeito da resistência negra diante de uma sociedade racista.

Dessa forma, as dinâmicas sociais e estruturais também influenciam para que a vida do jovem seja marcada por situações subalternas e difíceis. Danila entra como uma outra “voz” negra, a fim de refletir sobre as desigualdades sociais e aspectos raciais presentes na sociedade brasileira e vivenciadas por Cleolauro. O protagonismo desses personagens na literatura juvenil baiana faz com que o leitor se delicie na história de romance entre os jovens, ao mesmo tempo em que reflete sobre a realidade social e racial brasileira.

Portanto, a literatura juvenil baiana desempenha um papel fundamental na formação educacional e cultural dos jovens, ao mesmo tempo em que promove o conhecimento sobre a cultura, as raízes e as construções históricas que moldam o nosso passado. Além disso, ela se configura como um recurso valioso para o fortalecimento da identidade e herança cultural. Contudo, é perceptível que, apesar de sua relevância, o desenvolvimento dessa literatura ainda ocorre de maneira tímida, com escassa produção teórica dedicada a esse campo.

3 VIDA E PRODUÇÃO LITERÁRIA DE LÁZARO RAMOS

Neste último capítulo, serão apresentados dados sobre o escritor baiano Lázaro Ramos, seguidos de uma análise literária sobre o protagonismo negro juvenil em sua obra *Você não é invisível*, publicada no ano de 2022. Dessa forma, essa discussão acontecerá em torno do lugar de fala que o autor faz ao apresentar personagens negros como protagonistas em sua narrativa, evidenciando a importância dessa obra para representação da identidade negra em seus aspectos sociais, culturais e históricos.

O baiano Luís Lázaro Sacramento de Araújo Ramos nasceu em Salvador, Bahia, em 01 de novembro de 1978. Ele é ator, apresentador e escritor, é casado com a atriz Thaís Araújo, tem dois filhos, João Vicente e Maria Antônia. Lázaro Ramos conviveu, durante a infância, com sua tia Elenita, com quem desenvolveu sua formação artística, por meio de brincadeiras no quintal com seus seis primos. Usava esse espaço para aguçar sua imaginação a partir de encenações teatrais. Tais ações contribuíram para sua formação artística.

O baiano começou sua carreira artística na juventude quando teve contato com os palcos. Entrou para o Bando de Teatro Olodum em 1990 e, conseqüentemente, houve muitos convites para suas participações na rede de televisão, como em minisséries, teatros, mas o que lhe deu grande sucesso para sua carreira foi sua atuação na novela *Cobra & Lagartos* (2006), como personagem Foguinho, papel de grande importância que o deixou no auge dos fortes nomes da emissora e que proporcionou a ele indicação para premiação do melhor ator ao Emmy internacional.

Lázaro Ramos, além de seu sucesso como autor, cineasta, diretor e apresentador, tem se destacado também na literatura. Sua jornada na escrita começou em 2010 com a obra infantil *A Velha Sentada*, seguida por outros títulos, como *Caderno de Rimas do João* (2015), *Na Minha Pele* (2017), *Sinto o Que Sinto* (2019), *O Pulo do Coelho* (2021) e, mais recentemente, *Você Não É Invisível* (2022), voltada para o público adolescente. Entre suas obras, *Na Minha Pele* e *Você Não É Invisível*, são apresentados pontos de convergência ao tratarem de assuntos relacionados à identidade e ao enfrentamento do preconceito. Dessa forma, em *Na Minha Pele*, Lázaro Ramos enfatiza que a luta não deve ser apenas por reconhecer as diferenças, mas por aceitar e valorizar essas singularidades em um mundo ainda marcado por discriminações.

Lázaro Ramos tem uma relação pessoal com a literatura, que se conecta diretamente à experiência como pai. Ele demonstra que o processo de escrita é uma extensão de sua paternidade, criando um vínculo afetivo com seus filhos por meio da criação de histórias que

eternizam memórias compartilhadas. Assim, Lázaro transforma sua profissão em um instrumento de afeto, utilizando a escrita para construir e reforçar laços familiares.

Além disso, é importante destacar que Lázaro se aproxima da literatura com ousadia e sensibilidade, buscando oferecer aos leitores algo que ele mesmo não teve em sua infância. Para ele, os livros na infância tinham um caráter exclusivamente educativo, sendo encarados como uma obrigação. Hoje, como escritor, ele procura ressignificar essa relação, especialmente na literatura infantil, ao criar histórias que não apenas instruem, mas também entretenham, confortam e aproximam o leitor do universo literário. Dessa forma, Lázaro Ramos utiliza sua escrita para mostrar que a literatura pode ser uma fonte de prazer, curiosidade e descoberta, promovendo uma relação mais livre e envolvente com a leitura.

De acordo com Zilberman (2008, p 18), “o exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura. Esta torna-se importante no despertar do interesse e da curiosidade para a leitura, constituindo-se num instrumento eficaz para o mundo feito pela linguagem.”

Para Lázaro Ramos, a reflexão é muito importante, já que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã e, por isso, ele tem a preocupação na formação do indivíduo, proporcionando o valor ao que é necessário para a formação de um ser pensante na sociedade. Desse modo, é importante destacar que a escrita é sempre feita com cuidado para não impactar negativamente a infância, visto que na sua infância não teve tantas regalias. Para o autor, a essência da escrita é importante, pois as palavras podem ser um alimento literário que promove diversão e aprendizado.

Desse modo, o teatro foi um meio artístico muito importante para Lázaro Ramos, já que se tornou uma ferramenta para que ele se comunicasse com o mundo, expressasse seus sentimentos. Além disso, foi através de sua escrita que o autor explorou a importância da literatura negra. É recorrendo à escrita que Lázaro vem manifestar o racismo contra a população negra e a invisibilidade de livros que mostre a atuação do negro como protagonista. Portanto, a escrita é fundamental na vida de Lázaro Ramos, principalmente porque constrói pontes entre seu cotidiano, seus filhos e sua infância. Sendo assim, de acordo com o autor, a escrita é um veículo de fuga da solidão.

3. 1 O PROTAGONISMO NEGRO EM *VOCÊ NÃO É INVISÍVEL*, DE LÁZARO RAMOS

Sabendo que a literatura brasileira é fortemente marcada por discriminações, é possível destacar uma diferença significativa na forma que os autores negros abordam os personagens negros e como são retratadas suas obras por autores brancos. Sendo assim, Cuti ressalta que:

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanação do discurso, o ‘lugar’ de onde fala (Cuti, 2010, p. 25).

Nesse sentido, convém salientar a importância do lugar de fala que, de acordo com Cuti (2010), os autores negros utilizam como ponto de referências em suas obras, ou seja, fazem o uso de suas experiências pessoais para destacar as discriminações e preconceitos como forma de denúncia. Desse modo, torna-se importante a presença de autores negros no campo literário para que a partir de suas experiências e seu lugar de fala, possam desenvolver uma literatura mais comprometida com a reflexão racial, uma vez que:

A discriminação (prática do preconceito que se constitui na rejeição do outro, seja por desqualificação verbal, seja por agressão física) instala-se não apenas no relacionamento entre as pessoas. A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil (Cuti, 2010, p.24).

Nessa perspectiva, a discriminação vai além de fatores pessoais, ela está presente principalmente na esfera cultural, incluindo a produção literária. Destarte, percebe-se uma grande responsabilidade do meio cultural literário na disseminação de estereótipos em relação ao negro, que acaba não só influenciando negativamente as identidades negras, como também a desvalorização das culturas negras e naturalização de preconceitos. Dessa forma, as rupturas desses ciclos têm sido promovidas pelas próprias vítimas, em que escritores e artistas vêm desenvolvendo uma literatura que vai contra esse estilo literário que perpetua a desigualdade. Essa literatura é produzida de diferentes formas, seja pela reflexão sobre o racismo nas obras, com o protagonismo de personagens negros ou com narrativas que valorizem e explorem a cultura, história e vivências da população negra.

Dito isso, a obra de Lázaro Ramos será analisada sob essa perspectiva, levando em consideração o “eu” enunciativo, que reflete as vivências pessoais do autor e, ao mesmo tempo, constrói narrativas mais autênticas. Nesse contexto, será por meio de sua produção voltada para o público juvenil que se investigará o protagonismo negro, destacando sua relevância e os elementos que contribuem para a valorização das identidades negras.

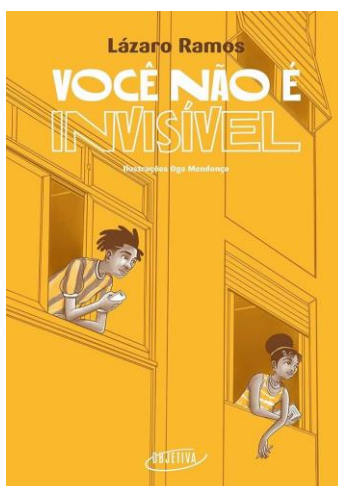
Assim como suas experiências narrativas refletem um “eu” enunciador que dialoga com o leitor, Lázaro Ramos, em *Você não é invisível* (2022), sua primeira obra juvenil, utiliza-se desse recurso para explorar o poder das palavras e das expectativas que criamos. Por meio da trajetória de dois jovens, Carlos e Vitória, o autor revela como a narrativa pode ser uma ferramenta para fortalecer identidades, promover o sentimento de pertencimento e estimular o reconhecimento no ambiente familiar e comunitário.

A história é narrada no período pandêmico da Covid-19, Carlos e Vitória são irmãos adolescentes com suas diferenças em personalidades, jeitos e modos de expressar, Carlos, mais conhecido como Carrinho, vive trancado no quarto, gravando vídeos e postando nas redes sociais, enquanto Vitória adora escrever e inventar histórias em um caderno antigo que era da sua mãe. Um dos aspectos conflitantes da narrativa é a relação familiar, uma vez que os dois irmãos não possuem muita interação direta, além disso o pai tem dois empregos e só volta para casa no fim do dia e a mãe dos adolescentes está em viagem para os estudos. Nesse sentido, com os desafios familiares, sociais e também individuais, os jovens enfrentam esse momento de confinamento cada um do seu jeito, ambos com a ânsia de entender o seu lugar no mundo.

A obra possui uma linguagem simples e acessível para os jovens. Além da utilização de gírias, o autor também brinca com a escrita multimodal ao apresentar imagens e playlists que abordam assuntos que foram tratados durante os capítulos. O leitor pode acessar a playlist através da leitura do Qr code, que irá redirecionar a uma página web com bandas e cantores de diversos estilos musicais, desde grandes sucessos nacionais como também internacionais, como Iza, Ed sheeran, The Get down, Glória Grove, Beyoncé, Chico Buarque, Chitãozinho e Xororó e Emicida.

O autor também desfruta das várias formas de comunicação, a comunicação verbal e a digital. A primeira é bem evidente na obra através das escritas de Vitória e das diversas cartas produzidas pela mãe dos jovens, por último a comunicação digital, mais utilizada pelo personagem Carlos, com o uso das redes sociais, como o twitter e equipamentos da tecnologia digital.

Figura 4- Capa do livro *Você não é invisível*



Fonte: Google, 2024.

A Figura 4 mostra a capa da obra, que traz a representação dos personagens que protagonizam a história, Vitória e Carlos, dois jovens negros, cada um em uma janela do mesmo prédio, olhando a mesma vista, ambos seguram diferentes instrumentos de comunicação que estão incluídos em suas vidas. Carlos adora utilizar a tecnologia, já sua irmã prefere expressar suas descobertas e sentimentos por meio do papel e da caneta.

O título da obra remete ao sentimento de invisibilidade que os jovens enfrentam na trama e para serem vistos, recorrem a alguns instrumentos, como é o caso de Carlos, que recorre às redes sociais e sente a necessidade de criar um perfil falso para “ser visto”. O escritor Lázaro Ramos, em uma entrevista com a CNN Brasil, destaca um pouco sobre essa ideia retratada na obra e nas suas vivências:

Eu fui esse adolescente que a cabeça fervia de ideias e desejos, porém era muito fechado e não me sentia visível, não me sentia importante. O que me salvou foi o teatro. No caso do personagem Carlos, ele recorre às redes sociais. Eu escrevi para aquele adolescente que eu fui e que queria ouvir de alguém: *Você não é invisível*. Eu não ouvi isso. Hoje, vejo muitos adolescentes cheios de conflitos, se escondendo na sua ostra, não compartilhando nada com ninguém ou criando uma máscara do espertalhão e do divertido (CNN Brasil, 2023).

Nesse sentido, a obra expõe as experiências de dois irmãos que perpassam por conflitos de relações interpessoais, de aceitação em determinados grupos e da percepção de si mesmo e dos outros. Carlos, mais conhecido como Carrinho é o irmão mais velho e resolve criar um perfil em uma rede social com o nome @IvanOEST. Em suas lives, aparece com um saco na cabeça, de camisa polo, com a gola levantada. “O saco tem um furo na boca, contornado de vermelho, e uma interrogação no meio da testa” (Ramos, 2022, p.23). É com esse novo perfil que Carrinho compartilha diversos pensamentos, como também conselhos para outros jovens e

acaba conquistando um número maior de seguidores do que o do seu antigo perfil: @Carlos2003Esquisito. A figura 4 ilustra exatamente a foto do perfil fake criada por Carrinho, mostrando sua aparência com o saco cobrindo a cabeça e a interrogação destacando o mistério da sua face.

Figura 5- Imagem do perfil *fake* (@IvanOEST) criado por Carrinho



Fonte: Google, 2024.

Além dessas redes sociais, Carrinho gosta de registrar momentos no gravador de voz do celular, nele expressa seus sentimentos em relação ao seu “eu” no mundo, sua interação com o pai, mãe e, principalmente, com sua irmã, a qual ele chama de “ratinha de laboratório” ou “meu experimento”. São nessas gravações de voz do celular que Carrinho irá mostrar e fazer a leitura das escritas realizadas por Vitória em um caderno que era da mãe dos jovens. Através dessas escrituras que Carrinho e o/a leitor (a) conhecerá um pouco mais sobre a personagem Vitória:

Me chamo Vitória. Carregar esse nome é uma honra, mas também um peso. Viver com a responsabilidade de dar certo, de ser uma vitória ambulante, é um pequeno tormento. Melhor dizendo: um tormento do tamanho da Amazônia, se é que vai sobrar alguma coisa dela (Ramos, 2022, p.11).

No caderno que era de sua mãe, Vitória registra diversos pensamentos e histórias. À medida em que a jovem escreve ela reflete também sobre a “perfeição” das princesas neste mundo encantado e o padrão de beleza construído socialmente. Assim, de forma irônica, ela começa a escrever sobre a princesa “Stfane Kate”: “ela era muito bonita. Bonita mesmo, sabe? Não vou descrever como, porque quando falamos bonita já sabemos o que uma pessoa precisa ter para ser bonita.#ironia”. (Ramos, 2022, p.18). Nessa história, a jovem adiciona quase todos os elementos da maioria das narrativas ficcionais, que envolve uma fada madrinha, um baile e a princesa em busca do príncipe encantado. Ao descrever essa história, Vitória percebe que essa narrativa não é relevante para as inúmeras possibilidades que a vida oferece e tem a explorar, como, por exemplo, a sua pretitude:

Aliás, acho que ninguém quer saber o que esse príncipe tem a dizer. Não quero mais falar dele. Quero falar de quem eu quero ser. Da minha pretitude. Da minha pele preta,

da minha atitude. Mulher que nem sempre sabe o que quer. Mas que sabe que pode querer. Se olha no espelho, Vitória. Essa é você (Ramos, 2022, p.45).

Vitória e Carlos procuram, cada um a seu jeito, não ser invisíveis neste vasto mundo, os jovens buscam uma conexão com o mundo, com as pessoas e o meio pelo qual os personagens conseguem é elaborado de forma individual que conecta o seu gosto. Vitória utiliza a escrita como forma de expressão, já seu irmão usa as redes sociais para estabelecer uma relação com as pessoas. Entretanto, essas relações construídas por Carlos em seu perfil falso acabam entrando em conflito, fazendo-o refletir com seus seguidores sobre os seguintes pensamentos: “[...] de que importa um rosto se trago ideias? De que adianta me julgar se talvez você me veja e não me escute?” (Ramos, 2022, p.43). Percebe-se que a invisibilidade social afeta principalmente pessoas negras, que, na maioria das vezes, não são vistas e, por isso muitos acabam mudando seus traços culturais ou vestindo uma “capa” para passar a ter voz, como é o caso de Carlos.

O racismo está entrelaçado na sociedade por muito tempo, o que resulta de um preconceito que acaba excluindo o povo negro da sociedade. Conforme aponta Souza “A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro” (Souza, 1983, p. 2-3). Nesse sentido, pode-se destacar que o racismo está fortemente marcado na humanidade e é notável na obra seguinte trecho:

[...] o que vi foi um garoto com a cor da noite. Sobre seu rosto, uma máscara cobrindo nariz e boca para se proteger e do ar que pode estar contaminado. O rosto de noite estrelada do menino com a máscara protetora. Sim, os olhos dele são estrelas, e de tão brilhantes causaram o desejo de agressão (Ramos, 2022, p 32).

Deste modo, uma cena, quando o personagem Carlos vai ao mercado e é agredido covardemente por dois homens, ele entende que foi agredido não por estar no mercado, mas sim pelo fato de sua cor ser preta. A vista disso, o menino compreende seu valor que até mesmo compara seus olhos com brilho das estrelas, porém foi por conta desse brilho que ocasionou o desejo de ódio de agressão. Para tanto, essa discriminação acontece porque está culturalmente enraizada nas ações do indivíduo.

Consequentemente, quando falamos de racismo, conectamos com o termo *escravo*, uma vez que a escravidão só existiu pela busca de poder e dominação dos brancos. Podemos, assim, designar a palavra escravo como uma ação que foi atribuída a pessoas que foram escravizadas, ou seja, com excesso de trabalho, fazendo com que essa condição seja naturalizada. Dessa forma, ninguém pode ser chamado de escravo porque foi uma condição que foi atribuída para o povo africano.

O trecho do livro *Você não é invisível* expõe exatamente essa condição de estado, em que o pai dos personagens Carlos e Vitória conta um pouco de sua origem, ele relata que “não se deve chamar ninguém de escravo, que é uma condição. O certo é dizer que a pessoa foi escravizada, o que indica que algo interrompeu o fluxo natural da vida dela ” (Ramos, 2022, p. 37).

Ademais, conhecer as raízes, origens contribui para o sentimento de pertencimento a cultura, tradições e costumes de seu povo. Além disso, Raíssa dos Santos destaca que aprender sobre a nossa ancestralidade “[...] não é sinônimo de inferioridade, mas de resistência e de transformação” (Santos, 2021, p. 76), uma vez que as práticas racistas colaboraram durante anos para o afastamento da identidade negra, fazendo com que desejássemos ter características de outras pessoas. Na obra, percebe-se muito essa valorização ancestral, a começar pela nomeação da jovem, que se chama Vitória em homenagem a sua tataravó, “Uma mulher negra nascida com esse nome tem um sentido maior” (Ramos, 2022, p. 36). O pai conta para seus filhos a importância e a força dessa mulher que nasceu em 1888, um período muito importante para a população negra, no ano em que ocorreu a abolição da escravatura. Essa valorização pelos antepassados também é vista através da busca e curiosidades da jovem Vitória em conhecer seus antecedentes através da construção da árvore genealógica.

Um dos aspectos de extrema importância registrada na obra é que em diversas partes é possível observar que Lázaro Ramos sempre menciona uma ou outra referência negra, como Chimamanda Adichie, Michelle Obama e Cesária Évora, uma cantora de grande reconhecimento internacional, apelidada como “rainha da morna”. Gênero predominante em suas músicas, a cantora nasceu em Cabo-Verde e, mesmo com diversos problemas em sua vida, sempre enaltece as culturas e tradições e seu povo cabo-verdiano através da música.

Isto posto, a obra promove o reconhecimento do protagonismo negro como uma forma de resistência, apesar de o tema central não ser o racismo. O autor elabora de forma leve uma narrativa que resiste a essas questões, além de valorizar a ancestralidade e culturas negras como uma forma de empoderamento do negro. Nesse sentido, a obra *Você não é invisível* explora o protagonismo negro de forma significativa ao colocar jovens negros como sujeitos ativos e com percepções diferentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender se há protagonismo negro na obra *Você não é invisível* de Lázaro Ramos. Desse modo, concluímos que o protagonismo negro na sociedade é significativo para a formação do público leitor/a, sendo ele/a negro/a ou branco/a. Dessa forma, a ausência ou a representação destes se for desconsiderada a importância da figura do negro na sociedade, ocasionará preconceito e desigualdade. Além disso, influencia negativamente para a formação de estereótipos e desvalorização da identidade negra, havendo desconhecimento da história e das lutas do povo negro. Nesse sentido, a literatura torna-se fundamental para promover representações sociais positivas do negro. Ademais, quando essas obras são criadas por autores negros, elas não apenas afirmam identidades, mas oferecem espaço legítimo para dar voz às suas realidades, experiências e perspectivas, desenvolvendo uma narrativa mais autêntica.

A partir da análise realizada na obra *Você não é invisível*, constatou-se que a narrativa juvenil de Lázaro Ramos é marcada por uma escrita multimodal, que leva o leitor a desfrutar das diferentes formas de comunicação: a imagem, o texto escrito e os códigos de Qr Code. Além dessa escrita diversificada, a obra coloca vozes negras no centro das narrativas, Carrinho e Vitória, que contam sobre seus sentimentos, angústias e momentos das suas vidas. O protagonismo desses jovens fortalece e contribui no sentimento de pertencimento e identificação do leitor com os personagens. Além disso, a obra ressalta o protagonismo negro como uma forma de resistência, mesmo sem colocar temas raciais como foco principal. O autor constrói uma narrativa leve, mas instigante, que aborda essas questões enquanto celebra a ancestralidade e as culturas negras, promovendo o empoderamento. Nesse cenário, a obra *Você não é invisível* se destaca ao representar jovens negros como protagonistas ativos, com perspectivas diversas e bem desenvolvidas.

Nesse sentido, é perceptível que o protagonismo negro na literatura ganhou maior força através dos movimentos de resistência, que com ele trouxe outras conquistas, como o reconhecimento do Zumbi dos Palmares como referência nacional. Também foi sancionada a lei que institui o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra, a implementação da Lei 10.639/23, marcando importantes conquistas. Essas vitórias colaboram para a valorização da cultura e da história afro-brasileira, bem como na visibilidade do negro em outros segmentos.

Desse modo, a literatura possibilita a transformação desse quadro, mostrando que o protagonismo negro desempenha um papel essencial na sociedade, pois além de promover igualdade, contribui para a quebra de paradigmas e preconceitos, reforçando a importância de

espaços mais inclusivos e justos. Dessa forma, reconhecemos que a literatura pode ser um recurso primordial para influenciar na ruptura da imagem estereotipada dos negros nas histórias literárias e colaborar na construção histórica, cultural e social das pessoas.

Espera-se que esta pesquisa incentive outros estudos não só no campo da representação negra, como também na área da literatura juvenil baiana, uma vez que durante o desenvolvimento deste trabalho, percebeu-se uma certa escassez de material disponível sobre a literatura para jovens produzida por autores/as baianos/as.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA da Lei 10639. Disponível em: <https://sindipetro.org.br/a-importancia-da-lei-10-639/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.

ANTUNES, Benedito. **A literatura juvenil na escola.** São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/synhw/pdf/antunes-9788595463318.pdf> . Acesso em: 16 fev. 2024.

AQUINO, Ingrid Andresa Neles de. **Mulheres negras que não podem passar em branco: Trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de “O Clarim da Alvorada”.** (1924-1940) /. - Rio de Janeiro, 2020.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** Perspectiva, 2006.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. **Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil.** São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BRASIL. **Lei n.o 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 18 fev. 2024.

BRASIL Escola. **20 de novembro- Dia da Consciência Negra.** Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-nacional-da-consciencia-negra.htm> Acesso: 15 dez 2024.

CADERNOS NEGROS: **a literatura nacional como difusão de consciência** - Centro Cultural São Paulo. Disponível em: <https://centrocultural.sp.gov.br/cadernos-negros-a-literatura-nacional-como-difusao-de-consciencia/Caramurê>. Disponível em: <https://caramure.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CAMPOS, Wagner Ramos, AMARILHA, Marly. **A formação em literatura e a construção das identidades negras no ensino fundamental I.** Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 3, p. 141-160, set./dez. 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CNN Brasil. **“Escrevi também para o adolescente que fui e queria ouvir que não era invisível”, diz Lázaro Ramos.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/escrevi-tambem-para-o-adolescente-que-fui-e-queria-ouvir-que-nao-era-invisivel-diz-lazaro-ramos/>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CRUZ, Normeide da Silva Rios. **Os caminhos da literatura infanto-juvenil baiana: em sintonia com o leitor**, UEFS, Feira de Santana, 2009. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1250>. Acesso em: 18 maio. 2024.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

EDUCAÇÃO Étnico-Racial: **Crianças têm bate-papo sobre racismo com autora do livro infantil** Alike. Disponível em: <https://www.colegioantoniovieira.com.br/educacao-etnico-racial-criancas-tem-bate-papo-sobre-racismo-com-autora-do-livro-infantil-alika>. Acesso em: 15 maio. 2024.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Riachão**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa30/riachao>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Esquerda Diário. **Mulher, negra e lutadora: Cesária Évora, um exemplo de força para as mulheres que se dedicam a uma vida revolucionária**. Disponível em: https://esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=13214. Acesso em: 20 mar. 2024.

FERNANDES, Breno. **Se eu pudesse, Danila, te levava pra tomar banho em Guarajuba**. 1º ed. Salvador: EEP Publicações e Publicidade, 2021.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Costez Christiano de. **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Qxn7Fj4Q5d73gGYsQKHj4s/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada trad.** Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4.º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZALEZ, Lelia; HASENBALG, Carlos. **Lugar do negro**. – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão?** Universidade de Brasília. Psicologia: Teoria da Pesquisa, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para crianças: **Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: História e Histórias**, 6ª edição, editora Ática, 2007. Disponível em : <https://pt.slideshare.net/daniellemorais528/marisalajoloreginazilbermanliteraturainfantilbrasil> eirahistoriaehistoriasdoceiv. Acesso em: 01 maio 2024.

LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. **Literatura infantil brasileira: Uma nova outra história**. Curitiba: PUC PRes, 2017.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEI 10.639/03 e o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: <https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-ensino-historia-cultura-afro-brasileira-africana.htm>. Acesso em: 18 maio 2024.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. Ilustração de Claudius. 9. ed. - São Paulo: Ática, 2011.

MADEIRA, Thais Fernanda Leite. **Educar para as relações étnico-raciais: mudanças no campo normativo e o impacto no mercado editorial**. São Carlos: UFSCar, 2016. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_29bc64b6ffd7de933d7e74a6ecc6fcbb. Acesso em: 10 out. 2024.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. **A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra**. COPENE: Uberlândia- MG, 2018. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN. v. 4, 2012, p. 06-14.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Identidade nacional versus Identidade negra**. Petrópolis. Autêntica editora. 1999.

MUNANGA, Kabengele. **A Identidade Negra No Contexto Da Globalização**. 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/697975294/Munanga-K-2002-A-Identidade-Negra-No-Contexto-Da-Globalizacao> . Acesso em: 10 set. 2024.

PEREIRA, Márcia Moreira; SILVA, Maurício. **Percorso da lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos**. Disponível em: Percorso da Lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos. Acesso em: 25 maio 2024.

PUCHALSKI, Francine Bystronski. **Literatura Juvenil e Literatura Canônica Brasileira: entretenimento e aprendizagem na jornada do leitor adolescente**. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_26c6d03e0f0b58508ef8e883301fe0bb. Acesso em: 28 mai. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RACIONAIS MC 's. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/racionais-mcs/a-vida-e-um-desafio>. Acesso em: 06 nov. 2024

RODRIGUES, Scheila Leal; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; SOUZA, Antonio Escandiel de; LAUXEN, Sirlei de Lourdes; BASSO, Berenice Geschwind. **Literatura Infantil: Origens e tendências**. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/LINGUAGEM%20E%20DESENVOLVIMENTO%20SOCIOCULTURAL/ARTIGOS/LITERATURA%20INFANTIL%20ORIGENS%20E%20TENDENCIAS.PDF>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SCHNEIDER, Talita Felix. **O herói na Literatura Juvenil de Moacyr Scliar**. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2037> . Acesso em: 10 maio. 2024.

SILVA, Glauber Paiva da. **Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial**. ANPUH-Brasil- 30º Simpósio Nacional de História- Recife, 2019.

SANTOS, Raissa Francisca dos. **A protagonista da história: a literatura infantil negra**, Unicamp- Universidade de Campinas: Campinas, 2021.

SOUSA, Denise Dias de Carvalho. As novas configurações no gênero literário juvenil: os protagonistas das narrativas *teen* em cena. **e-escrita**. Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, v.14, número 1, jan/jun. 2023.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VOCAL Livre. Só o começo. **Letras**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/vocal-livre/e-so-o-comeco/>. Acesso em: 06 nov. 2024.